O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANNO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Quarta-feira 14 de julho de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:506

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

ESMOLLA

para as victimas do incendio na Costa da Torreira

Transporte..... 4:300

—

Qualquer donativo deve ser dirigido ao ex.mo e revd.mo sr. Conego Arcypreste, José Candido Gomes d'Oliveira Vidal.

O producto d'esta subscripção será por este cavalheiro entregue ao sr. governador civil d'Aveiro, para ser por este sr. distribuida proporcionalmente pelos desgraçados, que tudo perderam n'este pavoroso incendio.

SUMMARIO: —O COMICIO.—O ARGUEIRO E A TRANCA.—MENTIRCLAS.—NOVA ORGANISAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO DA FAZENDA PUBLICA.—INDEFERIMENTO.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—ALGUMAS PALAVRAS ÁCERCA DA ORGANISAÇÃO DE UMA SOCIEDADE OU COMPANHIA EXPLORADORA DA RIA D'AVEIRO.—O ANJO DA CARIDADE, DRAMA EM 4 ACTOS, *por Fernando de Vilhena.*—O MINISTERIO DA AGRICULTURA.—CORREIO DO SUL.—COMMUNICADOS.—BIBLIOGRAPHIA.—PARTE OFFICIAL.—CARTA DE LISBOA.—TELEGRAPHIA.

Aveiro

O COMICIO

Supozeram que bastaria convocar uma reunião politica, para o povo se levantar, auxiliando os heroes das dictaduras infrenes que a regeneração exerceu por vezes no paiz. E os factos vieram confirmar as nossas previsões. Conclamaram em conclave, mas os ruidos da arruaça prevaleceram á eloquencia tribunicia dos Ciceros manchegos, e o povo ficou indifferente aos planos, dos que pretendiam agitar o paiz, allegando todavia que não faziam politica do caso, nem queriam a queda do gabinete progressista. O que porém, pretendiam elles? Protestar contra a dictadura, que ainda não existe, estorvar que a reforma administrativa seja promulgada antes da abertura das côrtes geraes, obstar a que se faça menos politica e mais administração!

Mas era isto regular? De que o não era deu a prova a indifferença publica. O povo não quiz saber de *meetings*, e dos que lá foram, uma parte declarou-se dissidente, dando vivas ao governo, e pateando os oragos da festa. Tambem os promotores do comicio não podiam esperar mais. Tinham de ouvir duras verdades, elles os primeiros dictadores do seu burgo, que nunca se importaram com as prescripções da lei, que recorreram sempre á violencia quando lhes convinha esmagar os adversarios, e que sendo presidentes de commissão recenseadora, chegaram até a fazer mão baixa sobre um acordão ou acordãos dos tribunaes, que mandavam inscrever como eleitores mais de mil e oitocentos cidadãos do seu bairro! E ahi estavam os heroes do *meeting*, os que convocavam para elle os liberaes do Porto, os que pretendiam fazer da sua impaciencia ariete para bater em brecha o governo!

Falhos de auctoridade moral, a opinião local recebeu-os com apupos, quando talvez fosse preferivel acolhel-os com indifferença. Não podia ter amor á liberdade, quem por vezes deu testemunho de um absolutismo intransigente. Não pode inculcar respeito pelas instituições, quem conscientemente as violou, a fim de obtemperar a exigencias partidarias. Não é adicto á monarchia quem, pelos seus repetidos dislates como auctoridade, faz engrossar as hostes republicanas. Não serve lealmente a familia reinante, os que no exercicio de funcções publicas deram exemplos de intolerancia, vendo todas as questões pelo prisma da intransigencia, e criando em volta de si uma atmosfera de odios, como se Portugal se transformasse em paiz de hotentotes, em que a lei fosse o arbitrio do elemento official.

Os promotores e oradores do comicio de domingo estavam exauctorados e o Porto não podia acceitar-lhes os serviços. A camaradagem renegaria os generosos sacrificios com que a invicta cidade havia concorrido para a consolidação do regimen constitucional. Protestar contra a dictadura que se annuncia por actos de protecção á agricultura, da abolição do imposto do sal, da reforma administrativa, que põe ponto final á anarchia tributaria das corporações, que ahi estão lançando impostos exagerados, não attendendo ás precarias circumstancias em que se acha entre nós a materia collectavel, é de uma infelicidade que faz pasmar, como homens intelligentes se prestassem a tamanho ridiculo, não prevendo o fiasco que semelhante proposito havia de ter.

E pelo que vemos do *Jornal da Noite*, folha seria da regeneração, o sr. Fontes declina a responsabilidade do feito, não quer fazer camaradagem com os impacientes, entende que é demasiado cedo para encetar o caminho que os sofregos do seu partido trilharam com tamanho facciosismo, S. ex.ª, pelo contrario, é do parecer que não se devem precipitar os acontecimentos, e que é extemporaneo quanto possa fazer-se para antecipadamente se apreciar a dictadura.

Já aqui o dissemos por vezes. Como se ha de combater o não existente? A regeneração, que exerceu por vezes a dictadura, ainda quando tinha maioria nas duas casas do parlamento, que direito pode invocar para protestar contra a dictadura, que os seus adversarios se propõem a exercer?

Protesta-se contra os factos consumados, mas não se lucta só por as aprehensões d'este ou d'aquelle trunfo politico. Combater a reforma administrativa, que ainda não foi publicada, é o cumulo da insensatez. Pois se não conhecem nenhuma das suas disposições, como hão de aprecial-a? O golpe, porém, é contra a dictadura em prespectiva! Mas não teriam mostrado mais cordura e desprendimento, se por ventura não antecipassem a sua má vontade, com quanto esta se exhibisse como argumento *ad terrorem* para assustar a coroa e os seus ministros responsaveis? Lucraria com isso o seu partido, mas a incontinencia partidaria não deixou ouvir melhor conselho, e ao erro da arremettida, correspondeu o fiasco monumental de domingo, o que foi para os festeiros do theatro de S. João um verdadeiro desastre.

O paiz recebeu com indifferença glacial aquella tentativa dos malogrados Eremitas da resistencia. Ao punhado de cidadãos congregados para o protesto ninguem mais adheriu. Disse-se na imprensa que em Vizeu o centro regenerador tinha reunido e deliberado representar. Uma folha da mesma côr politica da localidade veio porém contrariar por negação a versão dos impacientes. O centro não só não tinha deliberado, como não havia reunido por o simples facto de... não existir!... E' assombroso. Mas a traça cabiu pelo ridiculo, e já agora ninguem poderá insuflar-lhe alentos.

O facto é providencial. Contra a opinião não se lucta, e os que ouzam fazel-o caem vencidos na arena. Foi o que succedeu agora. E é tambem por isso que os orgãos mais auctorisados da regeneração procuram salvar o seu illustre chefe da responsabilidade que os impacientes tratavam de impor-lhe, declarando que s. ex.ª nem auctorisara a tentativa, nem estava disposto a aproveitar-se dos resultados, quando ella fructeasse.

Como se vê a malograda festa de domingo ficou a cargo exclusivo dos dictadores Moreira e Pacheco, e dos prégadores Arroyo e Mesquita. Não fez eco, nem deixou vestigio. Foi um espectaculo gratuito, em que uns e outros foram coherentes na incoherencia. Por isso o povo os pateou, reduzindo-os ás suas verdadeiras proporções, sem que fosse preciso haver sarrabulho, não obstante as exclamações algo caricatas do dictador de Campanhã.

O ARGUEIRO E A TRANCA

O *Jornal de Vizeu*, queixando-se de que modernamente em Portugal qualquer cidadão se julgue apto para semear disparates pelo campo do jornalismo, entretem-se a semeal-os tambem, e não pequenos. Tem graça!

Confundindo a reforma a administrativa com a dissolução dos corpos administrativos, que é apenas uma consequencia provavel d'aquella reforma, discute esta dissolução como se fosse um acto de dictadura. Esqueceu-se portanto de que dissolver os corpos administrativos é simples e exclusiva attribuição do poder executivo, e não precisava por isso o governo de assumir a dictadura para a exercer.

Ora é curioso que a opposição sómente se insurja contra a reforma por ella importar a dissolução, como se a dissolução não podesse ser decretada pelo governo sem necessidade de dictadura nem de reforma. E' até bem mais liberal, bem mais consentaneo com os principios fundamentaes do regimen representativo, consultar ao mesmo tempo todos os collegios eleitoraes do paiz, do que dissolver apenas as corporações desafectas á politica do governo, como este aliás podia fazer, sem assumir a dictadura.

Mas a verdade, diz o *Jornal de Vizeu*, é que a renovação dos corpos administrativos não era precisa para uma genuina eleição dos pares do reino.

E demonstra o assim:

«Como os collegios municipaes se compõem de 87 eleitores, dos quaes sómente 7 podem ser vereadores, se o governo tiver por si a maioria dos 87 vence os delegados municipaes, embora os vereadores *não queiram.*»

Plenamente de accordo: se o governo vencer, com toda a certeza que não perde. Mas como para vencer é preciso não perder, segue-se que, se o governo perder, com toda a certeza que não ganha.

Mais claro, para evitar equivocos: se o governo vencer contra os votos dos 7 vereadores, não precisa dos votos dos 7 vereadores para vencer.

E' d'uma perspicacia unica, este nosso presado collega da Beira Alta!

E queixa-se então dos outros escreverem disparates!

Para elle, n'um collegio eleitoral de 87 membros, mais 7 menos 7 não influe na maioria. Para elle, estar ou não á frente da administração municipal e parochial é inteiramente indifferente para o resultado d'uma eleição.

Para elle, emfim, ter ou não ter a presidencia do collegio municipal, e portanto a maioria ou minoria da mesa eleitoral, são circumstancias futeis.

Que ingenuidade!

Passando aos collegios districtaes argumenta da mesma fórma.

Diz que «sendo o numero dos delegados municipaes *muito e muito superior* ao dos deputados e delegados das juntas geraes, a eleição dos pares do reino será favoravel ao governo independentemente dos votos dos membros das corporações administrativas.»

E isto, depois de ter dito que só a junta geral elege quatro delegados; sem se lembrar que um d'esses 4 é que é o presidente do collegio districtal; e fingindo ignorar que a quasi totalidade dos deputados são hoje da opposição.

Ao todo, um terço pelo menos, dos eleitores, e dentre esses a presidencia.

Mas que importa tudo isso, se o grande argumento prevalece? Tenha o governo maioria, diz o *Jornal de Vizeu*, que a minoria ha de perder sempre a eleição, quer queira quer não queira. O *amigo Banana* ou Mr. de La Pallisse não argumentaria com mais correcção.

E promette continuar no mesmo tom. Faz bem.

MENTIROLAS

A furia opposicionista está inventando toda a casta de mentira para pintar o paiz indignado contra a dictadura.

Mas como mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo, e a opposição demais a mais é coxa, é logo apanhado em flagrante.

Fez espalhar que a camara de Mação, representando contra a dictadura, chamava ineptos aos membros do governo. Pois mentiu, segundo veio affirmar á imprensa o deputado regenerador, Avellar Machado, redactor da tal representação.

Disse depois que a camara municipal e a junta geral de Aveiro tambem iam representar contra a reforma administrativa. Pois mentiu, porque ambas essas corporações são genuinamente progressistas. E mesmo de todo o districto a grande maioria das camaras municipaes, e a maior parte das juntas de parochia, são abertamente adversas á politica regeneradora.

Proclamou ainda que o *meeting* do Porto contra a dictadura fôra imponente. Pois mentiu, porque todos sabem que foi um espantoso charivari.

Noticiou finalmente que o centro regenerador de Vizeu aconselhára os corpos administrativos do districto a resistirem á dictadura. Pois mentiu mais uma vez, como affirma o jornal regenerador d'ali, o *Commercio de Vizeu*, nos seguintes periodos, que são edificantes:

INFORMAÇÃO FALSA!

«O «Imparcial», de Lisboa, diz que o centro regenerador de Vizeu deliberou aconselhar as camaras regeneradoras do districto que reagissem contra a reformá administrativa, caso ella fosse decretada em dictadura!

Esta noticia, que com certeza d'aqui foi transmittida, não tem simplesmente o menor fundamento, com a circumstancia aggravante de se illudir a boa fé d'um jornal, de que é principal redactor o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, nosso patricio, e o regenerador de mais importancia que tem o districto.

Com mentirolas e intrujices da ordem e da força d'esta, é que se tem posto a politica regeneradora no estado em que ella se encontra, porque se vê que os chefes são enganados, *dizendo-se-lhes de cá, que trabalha quem não* dá um só passo em favor do partido.

O centro regenerador não se reuniu, pela simples razão de que é entidade que parece não existir em Vizeu, desde a ultima nomeação do sr. visconde do Serrado para governador civil do districto.

Esta é que é toda a verdade; e somos obrigados a fazer similhante declaração ao nosso respeitavel collega da capital, porque, escrevendo no ultimo numero do nosso jornal um artigo em que confessavamos que o governo talvez não podesse deixar de recorrer á dictadura, por causa da eleição dos pares, desde que o centro regenerador tomasse a deliberação de aconselhar ás camaras que reagissem contra a reforma administrativa, caso ella fosse decretada em dictadura, ou não emittiamos a nossa opinião na imprensa, ou declaravamos que não nos conformavamos com o modo de pensar do centro e do partido, como poderemos não nos conformar com outros pontos doutrinarios, que só acceitaremos por subordinação partidaria se elles não forem absolutamente oppostos aos dictames da nossa consciencia.»

Que trapalhões!

NOVA ORGANISAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO DA FAZENDA PUBLICA

No plano de reorganisação dos serviços de fazenda, segundo as informações auctorisadas do *Diario Popular*, entram as repartições districtaes. Em todas ellas haverá officiaes, primeiros e segundos aspirantes; e além d'isto, nas de Lisboa e Porto, haverá primeiros e segundos officiaes.

São todos empregados com accesso; e terão tambem continuos, sem accesso.

Proceder-se á classificação dos concelhos e bairros, que serão divididos em quatro ordens. A primeira comprehenderá os concelhos sédes de districtos e o de Villa Nova de Gaia e os bairros de Lisboa e Porto. Nas outras tres ordens os concelhos serão distribuidos, tomando se como base para a classificação a importancia annual da liquidação das contribuições directas, e o numero de conhecimentos extraidos e para cobrança, e attendendo-se sempre á circumstancia dos concelhos serem ou não sédes de comarcas. Estabelecem-se regras sobre o modo de se obter essa base de classificação, e limites que determinam a mudança de ordem.

Essa classificação será feita por consulta de uma commissão composta dos quatro directores geraes do ministerio da fazenda, e decretada depois. A de segunda, terceira e quarta ordens será revista de cinco em cinco annos, attendendo se então ás alterações que tiverem occorrido sob o ponto de vista judicial e fiscal.

Depois de feita a classificação dos concelhos é que se trata de fixar os quadros das repartições de fazenda dos districtos. Esses quadros só poderão ser alterados como consequencia da alteração da classificação.

N'esses quadros continuará a promoção a ser alternadamente por antiguidade e por concurso: por antiguidade entre os empregados da mesma repartição; por concurso entre os empregados de cathegoria immediatamente inferior de qualquer repartição districtal.

A officiaes das repartições de fazenda districtaes tambem poderão concorrer os amanuenses das direcções geraes do ministerio. A officiaes maiores de Lisboa e Porto poderão tambem concorrer os segundos officiaes das direcções do ministerio.

Os logares de segundos aspirantes serão providos por concurso de provas publicas entre os escripturarios de fazenda com bom serviço e bom comportamento.

Tambem poderão concorrer individuos estranhos com determinadas habilitações dos lyceus, mas metade das vacaturas pelo menos será sempre reservada para os escripturarios approvados em concurso. Continuarão a vigorar as disposições da lei que destina certos logares aos officiaes inferiores do exercito.

Os empregados das repartições de fazenda districtaes só poderão ser demittidos nos casos dos artigos 337.º e 338.º do regulamento de contabilidade ou por processo administrativo em que sejam ouvidos; são sujeitos ás disposições disciplinares dos artigos 339.º a 344.º do mesmo regulamento. Poderão em cada anno gosar um mez de licença, sem perderem vencimento de cathegoria.

INDEFERIMENTO

Na lama pó fre da imprensa opposicionista surgiu um paspalhão transmontano, pretendendo que o nobre presidente do conselho lhe désse a subida honra de lhe lavar a cara com um escarro.

Escusado é dizer que o requerimento foi indeferido.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—No sabbado estiveram em Aveiro os nossos amigos e apreciaveis cavalheiros, os srs. Bernardino Maximo de Araujo e Albuquerque, muito digno administrador substituto do concelho de Albergaria-a-Velha, e Antonio Gomes Vidal, rico proprietario da Quinta da Meza.

— Visitou-nos na segunda-feira á tarde o nosso respeitabilissimo amigo e benemerito presidente da camara municipal do concelho de Estarreja, o sr. Francisco Barboza do Couto Cunha Sotto-Mayor.

— Veio tambem a Aveiro n'esse dia o nosso dedicado amigo e correligionario, o sr. Manuel Marques Traqueira Junior, antigo procurador á junta geral d'este districto.

— Esteve de passagem n'esta cidade o nosso illustrado amigo e applicado terceiranista de direito na Universidade de Coimbra, o sr. José Maria de Abreu Freire, de Avanca.

— Já chegou e tomou posse o sr. José Eduardo de Mello, novo intendente de pecuaria d'este districto.

— Partiu para Bragança, para onde ultimamente foi transferido, o nosso amigo, o sr. Daniel dos Santos Almeida, que aqui exerceu com zello e illustração o cargo de intendente de pecuaria.

— O nosso collega d'esta folha, o sr. Firmino de Vilhena, fez annos na passada segunda-feira. Os nossos parabens.

Doente.—Tem passado bastante incommodado nos ultimos dias o sr. Manuel José Mendes Leite. Fazemos votos pelas melhoras de s. ex.ª.

Agronomo.—Sahiu despachado para o posto de agronomia na ilha de Cabo Verde o sr. Albino Florido da Cunha Toscano, filho do sr. commendador Francisco Florido da Cunha Toscano, de Mira.

O governo andou com muita pericia na escolha d'aquelle funccionario, porque o illustre filho de Mira, além da theoria que adquiriu durante a sua formatura de agronomo, tem tendencia natural para a agricultura, como mostrou, logo que sahiu dos bancos da escola, nas boas condições com que plantou uma vinha no quintal de seu pae, e que póde servir de modelo aos bons vitricultores. Por isso louvamos o actual sr. ministro da marinha pela acertada escolha d'este funccionario; e damos os parabens aos agricultores da ilha de Cabo Verde por terem a seu lado tão bom director nos trabalhos agricolas.

E, amigos como somos, de seu venerando pae e de sua illustre familia, lhes damos os nossos sinceros parabens.

Resolução acertada.—Tambem a camara d'Aveiro adheriu ao convite da camara de Lisboa para a criação de um Instituto Pasteur. Faltaria ao seu dever—a um dos mais sagrados deveres de humanidade—se o não fizesse. O que é para sentir é que o governo não tenha tomado uma parte mais activa n'um assumpto tão importante.

Voluntarios academicos.—O nosso presadissimo amigo e mestre o sr. Joaquim Martins de Carvalho transcrevendo no *Conimbricense* de hontem a rectificação que lhe fizemos a proposito dos voluntarios academicos de 1828 ainda vivos, escreve o seguinte:

«Tambem pedimos licença ao collega para lhe dizer que se engana, pois que o actual marquez de Thomar, Antonio Bernardo da Costa Cabral, e o sr. conselheiro Antonio Fernandes Coelho, não pertenceram, como diz, ao batalhão de voluntarios academicos de 1828.»

Em seguida mostra s. ex.ª que aquelles dois cavalheiros já se achavam formados em 1828 e não estavam em Coimbra quando se organisou alli o batalhão academico.

O sr. Martins de Carvalho, na sua primeira noticia, referia-se ao batalhão de voluntarios academicos de 1828 em geral, não especialisando os academicos que se haviam alistado em Coimbra; por isso e, como aquelle batalhão não obstante diversas modificações porque passou durante a emigração, não deixou de ser o mesmo que em Coimbra se organisou n'aquelle anno, dissemos e repetimol-o ainda hoje, que d'elle tambem fizeram parte o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral, actualmente marquez de Thomar, e o sr. conselheiro Antonio Fernandes Coelho, não obstante o alistarem-se nos Açores. E o que succedeu com suas ex.as succede com muitos outros já hoje fallecidos, que se alistaram não só nos Açores, mas até mesmo em Portugal já muito depois do desembarque do exercito liberal.

No batalhão academico, figuram muitos individuos que já ha muito haviam deixado os bancos da Universidade e até um ou dois que nunca lá tinham ido e nem por isso deixaram tambem de ser considerados como voluntarios academicos. Como tal vêm mencionados na lista publicada pelo sr. J. P. Soares de Luna nas suas *Memorias para servirem á historia dos factos de patriotismo e valor praticados pelo distincto bravo corpo academico* —Lisboa 1837—sendo tambem aqui que encontramos os nomes dos srs. Costa Cabral e Fernandes Coelho como praças do mesmo corpo, ao lado de Almeida Garrett que tambem como o collega sabe muito melhor do que nós se não achava em Coimbra em maio de 1828.

Soirée.—O sr. dr. Francisco Pessoa, muito digno lente em Coimbra e nosso presado amigo, festejou na passada sexta feira, na sua casa d'aquella cidade, o baptisado d'um filhinho, com um jantar de 40 talheres, e uma explendida *soirée* a que assistiu, segundo nos informam, a mais selecta sociedade d'aquella gentil princeza do Mondego.

O jantar principiou ás 6 da tarde acabando ás 9 da noite, e o baile ás 10 terminando por um animadissimo *cotillon* ás 7 da manhã, em pleno dia primaveral, já sob um sol alegre e creador.

Por motivos superiores á nossa vontade deixámos de acceitar o amavel e attencioso convite de s. ex.ª, manifestando todavia aqui o muito e muito que nos penhorou tão honrosos offerecimentos, que não saberemos esquecer nunca.

Sarau.—Foi ultimamente mudado para o proximo sabbado, 17 do corrente, o brilhante sarau que a sympathica *troupe* dos *Serões Dramaticos* tencionava effectuar no dia 18.

E', pois, no sabbado que tem logar essa explendida recita, ha tanto annunciada, e nós vaticinamos uma noite feliz para todos, pois raras vezes se nos proporcionam tão explendidas festas.

O *Perdão* é um drama de dois rapazes novos e intelligentes, e podemos affirmal-o bem escripto, porque o vimos já. A comedia, uma engraçadissima versão do francez. As poesias um primor de litteratura, e em numero bastante grande. Distribuir-se-hão impressas no fim de cada acto, caindo das galerias n'um voejar explendido pela variedade das côres.

Assignam-as talentosos rapazes de Coimbra, Porto, Lisboa e Aveiro, alguns dos quaes são já bastante conhecidos. No *boufet* devem estar á venda uns elegantes volumes do *Perdão*, que foi expressamente impresso para essa noite.

A casa está já toda passada, não restando sequer uma unica geral, apesar de que os pedidos continuam a avolumar-se, sem poder infelizmente valer-se-lhes.

Sobre o exito de tão completa festa fallaremos depois.

Exames elementares no circulo d'Aveiro.—Concluiram-se em meiados do mez passado os exames elementares de todos os concelhos d'este circulo escolar, á excepção do concelho d'Anadia que, apesar das suas 13 escolas officiaes, não preparou um unico alumno para aquelle exame. O resultado foi o seguinte:

Fizeram exame 133 candidatos d'ambos os sexos. Ficaram addiados na prova escripta 4 e na oral 5. Total—9.

Dos 124 restantes houveram 22 distinctos, 79 bons e 23 sufficientes.

N'aquelles 22 distinctos, 17 eram meninos. O ensino official dos differentes concelhos do circulo tem as seguintes approvações:

Agueda com 22 escolas officiaes, 32 approvações; Albergaria com 11 escolas officiaes, 1 approvação; Aveiro com 22 escolas officiaes, 11 approvações; Ilhavo com 6 escolas officiaes, 1 approvação; Mealhada com 6 escolas officiaes, 13 approvações; Oliveira de Bairro com 8 escolas officiaes, 10 approvações; Vagos com 7 escolas officiaes, 8 approvações; e Anadia com 13 escolas officiaes, 0 approvações. Total das approvações das 95 escolas primarias officiaes, 76; do ensino livre, 48.

A todos os exames, com uma assiduidade, zelo e circumspecção que honra o magisterio, assistiu sempre o muito digno sub-inspector do circulo, o sr. Antonio Joaquim Vidal.

Este illustrado sacerdote e precetor já fez a visita das escolas do concelho e vae fazel-a em outros. O que encontrou em differentes freguezias é digno da mais severa censura. Fallaremos do assumpto mais detidamente.

Novo quartel.—Progridem com notavel rapidez as obras do novo quartel *Principe D. Carlos*, de forma que tudo leva a crer que dentro de muito poucos mezes se poderá alojar ali o regimento de cavallaria n.º 10 a que é destinado. Está concluida a obra de paredes, do corpo central e ala direita, e em poucos dias estarão telhados tambem. As cavallariças, que eram a parte mais atrazada do edificio, acabam de entrar tambem n'um periodo de grande desenvolvimento.

Exposição.—No dia 8 do corrente, á meia noite, foi encontrada á porta da casa da cosinha de Dyonisio Ferreira dos Santos, do logar da Azurva, freguezia de Esgueira, uma creança do sexo masculino, que indicava ter nascido havia poucas horas, e que estava embrulhada em um chambre de chita branca, com pintas pretas tendo ao pé duas fraldas e uma camiza de panno crú. Todas estas peças da roupa tinha cosido n'uma das extremidades um bocado de setim encarnado.

Attentado revoltante.—Na semana passada um nosso patricio, rapaz de appelido Sacerdote, que se emprega como barqueiro no serviço das minas, precisou de ir á serra comprar ovos, para o que levava algum dinheiro; e indo pernoitar ao sitio de Masquia, perto de Pecegueiro, no concelho de Sever do Vouga, foi de noite traiçoeiramente despertado e aggredido atrozmente por um malvado, que o queria matar, talvez para o roubar.

O aggredido, que é um rapaz possante, luctou muito com o perverso, e foi ferido por elle.

Chamando sempre por soccorro, que tardou muito a apparecer, o malvado persentindo gente, fugiu.

Levámos, pois, o facto ao conhecimento do digno administrador d'aquelle concelho, para que providencie de modo a castigar o auctor ou auctores de tão revoltante attentado, pois que parece ser notorio no logar quem elles sejam.

O convento de Arouca; a irmandade de Santa Mafalda.—No sabbado ultimo reuniu nos paços do concelho de Arouca a grande commissão que tomou a seu cargo instituir no sumptuoso mosteiro d'aquella villa, extincto com a morte da sua ultima freira, uma irmandade, que adoptará o titulo de Santa Mafalda.

N'essa reunião, onde foi lida uma representação que vae ser entregue ao sr. cardeal bispo do Porto, estiveram presentes todos os parochos das freguezias da comarca, vigario da divisão ecclesiastica e mais clero, administrador do concelho, vereadores da camara municipal, quarenta maiores contribuintes, proprietarios e todas as pessoas gradas da villa.

N'essa representação dirigida ao prelado e que será assignada pelas principaes pessoas da comarca d'Arouca, pede-se a conservação dos paramentos e outras alfaias já inventariadas, para o culto da mesma irmandade no extinto convento. Os estatutos por que se tem de reger acompanharão a representação referida. E' muito crescido já o numero de irmãos inscriptos.

Tambem pretendem pedir ao governo a conservação do extincto convento, para n'elle sêrem recolhidas as religiosas ursulinas, que o povo respeitou sempre pelas suas muitas virtudes.

Arrematações.—No dia 26 são arrematados no governo civil d'este districto 13 fóros, sendo 3 pertencentes aos bens da Abbadia de Santa Maria de Sever do Vouga, e 10 pertencentes á confraria do Santissimo de Casal Comba, no concelho da Mealhada. E no dia 28 vender-se-hão 16 fóros, pertencentes á Misericordia d'esta cidade, e impostos em bens sitos nos concelhos de Ilhavo e Aveiro.

Cousas do caminho de ferro do norte—Mortes.—Informam-nos pessoas auctorisadas que hontem foram apanhados e mortos pelo comboio expresso ascendente uma mulher e um jumento, que atravessavam a linha n'uma passagem de nivel, que ha dentro do recinto da estação de Souzellas, uma das destituidas de guarda. Daremos pormenores.

— Outra machina isolada percorreu hontem a linha entre Villa Nova de Gaia e Coimbra, chegando a algumas estações sem previo annuncio ou aviso ao pessoal.

Não se lembram do que, por abusos semelhantes, succedeu á ponte de Canellas e, ha poucos dias, a um carro carregado de milho n'uma passagem entre Coimbra e Souzellas?!

Seria bom acabar com estes abusos *e outros*, tal como o de dar passes a individuos estranhos ao serviço para transitarem a pé nas vias, e autoar os que transitam sem passe.

Transferencias.—O sr. dr. João Manuel Corrêa Taborda, visitador do sello no districto de Vizeu foi transferido para este districto, indo o d'aqui, o sr. dr. Antonio Xavier Corrêa Gomes para aquelle.

Subsidio.—A' camara municipal do concelho de Estarreja acaba de ser concedido o subsidio de 1:040$590 reis para o terceiro lanço da estrada d'aquella villa a Pardilhó. Mais um relevante serviço prestado a este circulo pelo nosso incansavel deputado, o sr. dr. Francisco de Castro.

Espinho.—Já principiou a fazer-se a distribuição domiciliaria da correspondencia postal de Espinho, onde se acham muitos banhistas.

Atraso.—Queixam-se-nos de que andam em condemnavel desleixo os salarios dos louvados de contribuição de registro d'este districto. Com vista ao respectivo inspector.

O sachristão do Bussaco.—Falleceu ha dias o sachristão do Bussaco, o velho Francisco Antonio, tão conhecido e estimado de todos os visitantes d'este aprasivel local nos ultimos cincoenta annos. Francisco Antonio era a unica reliquia viva que ha muito alli existia dos tempos monasticos. Contava 95 annos de edade, e estava no Bussaco desde 1809. Quando em 1834 foram expulsos os frades, Francisco Antonio ficou no seu posto e não abandonou o convento e a matta que tão queridos lhe eram. Dos seus antigos amos, os frades, tambem ficaram então alguns, cinco segundo parece, que foram morrendo e abandonando o convento. Quando falleceu o ultimo, fr. Antonio de Santa Luzia, Francisco Antonio deu-lhe sepultura e ficou cuidando do *seu* Bussaco, ou antes da *sua* egreja, que elle amava como filha estremecida.

Trabalho no mar.—O mar é ainda bom e ha trabalho por conseguinte. Para as industrias d'esta especie de serviços melhor fora porém que o não houvesse, por isso que as despezas são excessivamente maiores que a producção, e isto sempre desde que se iniciaram os trabalhos. Costas ha onde algumas companhas deixaram já de trabalhar, e o mesmo terá de succeder em todas se as cousas assim continuarem.

Produção salina.—Na ria já ha marinhas a produzir, esperando-se que dentro de poucos dias estarão todas em franca colheita. O movimento de venda de sal porém só começará depois da abolição do imposto.

Estado dos milhos.—Os milhos temporãos estão excellentes, promettedores de bôa colheita. Os temporãos de terras delgadas precisam chuva que o estado do tempo não promette dar. Os das terras baixas estão pouco animados. Esperam todos que o anno para a producção d'este cereal não seja tão bom como o anno passado.

Noticias Diversas

Os decretos da dictadura.—As medidas que, segundo parece, o governo tenciona decretar em dictadura são os seguintes:

Pondo em vigor um novo codigo administrativo.

Abolindo o imposto do sal.

Elevando os direitos sobre a importação dos cereaes em grão e das farinhas, mas de modo que da elevação não possa resultar augmento no preço do pão.

Auctorisando a creação de juizes municipaes nos concelhos onde as camaras queiram prover aos encargos da instituição.

Reformando a engenheria civil e classificando o seu pessoal.

Reorganisando as secretarias de Estado e diversos serviços dependentes do ministerio da fazenda.

Regulando a aposentação dos funccionarios publicos.

Reformando a instrucção secundaria.

Licenças de justiça.—Effectuaram-se as seguintes:

Conselheiro Eduardo de Serpa Pimentel, juiz da relação de Lisboa, licença por trinta dias.

Bacharel Fernando Augusto Chrysostomo de Gouveia Pinto, juiz direito da comarca de Melgaço, licença por sessenta dias.

Rainha Santa.—Diz o *Tribuno Popular* que responderam á expectativa geral as festas que este anno se celebraram em Coimbra, em honra da Santa Esposa de D. Diniz, as quaes descreve assim:

Dia 8:—O prestito que acompanhou a imagem, do convento de Santa Clara para a egreja de Santa Cruz, vinha numeroso e na melhor ordem. Os conimbricenses teem uma verdadeira veneração pela sua padroeira. Rompiam o prestito duas praças de cavallaria, e fechavam-n'o uma força de infanteria 23, com a respectiva banda, e as praças de cavallaria disponiveis. Até á ponte muitas girandolas de foguetes annunciavam a passagem da procissão. Quando o andor, saindo da ponte, desembocou no largo do Principe D. Carlos, o aspecto geral da cidade baixa era deslumbrante. Algumas ruas, como a dos Sapateiros, Corvo, rua Direita, e Sargento-mór, eram realmente uns *bijoux*, faziam vontade de as meter em uma redoma; as luzes em arco, o embandeiramento, as flores, profusa e artisticamente distribuidas, transformāram aquellas estreitas passagens em deliciosos logares de recreio. A antiga rua da Calçada ostentava ornamentação mais grandiosa, não com tão requintado gosto, nem com um certo ar de mimo, que em outras se notava: mas, repetimos, era grandiosa: desde a entrada da rua do Visconde da Luz até ao largo do principe D. Carlos, os arcos e as luzes estavam em boa disposição. Nas janellas do Posto Medico, na Calçada, estava um apparelho electrico, dando uma intensa luz, que parte da noite se projectou para o caes, indo reflectir-se nas aguas do rio; outra parte da noite se projectou para a praça Oito de Maio, acompanhando a claridade do gaz. Era espectaculoso ver os rostos dos que subiam a rua do Visconde da Luz illuminados a luz electrica. O fogo é que nada ostentou de notavel.

Dia 9:—A regata foi o que se destacou n'este dia. Os barcos vinham bem illuminados e a musica era muito agradavel. Esta diversão attrahiu ao caes da cidade, até cerca da meia noite, enorme concorrencia. As illuminações repetiram-se, como no dia anterior; cerca das 9 horas da noite era já difficil transitar nas principaes ruas da baixa.

Dia 10:—A cidade continua com grande animação e dizem-nos que se tem feito muitas transacções no pequeno commercio' como é natural por occasiões de festa. Tem sido grande a concorrencia de devotos a visitar a Rainha Santa e a deixarem-lhe valiosas offerendas.

Os novos uniformes.—Lê-se na ultima ordem do exercito de 9 do corrente:

«Tendo chegado ao conhecimento de s. ex.ª o sr. ministro da guerra que alguns dos artigos estabelecidos no plano geral de uniformes para o exercito, approvado por decreto de 1 de outubro de 1885, não satisfazem cabalmente na pratica ao fim para que foram destinados, não só pelo que respeita á sua duração, mas tambem pela pouca commodidade que offerecem ás praças que d'elles têem a fazer uso: o mesmo ex.mo sr., querendo informar-se com exactidão do que a tal respeito occorre nos differentes corpos do exercito, afim de ajuizar seguramente sobre tal assumpto, habilitando-se a propôr a sua magestade el-rei as alterações ao mencionado plano de uniformes que forem indispensaveis, determina que os commandantes geraes das armas de engenheria e de artilheria, e os inspectores geraes das armas de cavallaria e de infanteria, procurem informar-se dos commandantes dos corpos das suas respectivas armas ácerca dos inconvenientes praticos, que o uso de alguns artigos haja revelado, principalmente d'aquelles que pertencem ao calçado das tropas, enviando a esta secretaria d'estado, com a maior brevidade possivel, relatorios circumstanciados, em que exponham a sua opinião sobre e modo de remover os inconvenientes que forem apontados, tendo muito em attenção que nas propostas a fazer não sejam alterados os principios geraes já estabelecidos, nem aggravado o orçamento de despeza dos officiaes e praças de pret.»

A grande trovoada em Villa Flôr.—Com relação a esta trovoada dá um correspondente das *Novidades* os seguintes esclarecimentos:

«A trovoada, que annunciei no meu telegramma de hoje, 4, principiou ás 2 horas da tarde e durou até ás 5, destruindo quasi completamente todos os fructos das seguintes povoações: Seixo, Sampaio, Samões, Nabo, Carvalho de Egas, Vaios, Villas Boas e Villa Flôr; de todas ellas, a que mais soffreu foi esta ultima. Simples regatos, que no inverno estão a maior parte do tempo seccos, transformaram-se repentinamente em caudalosas correntes, que destruiam tudo na sua vertiginosa e medonha corrente.

Ha muitas familias reduzidas a completa miseria, e as restantes sentirão os resultados d'esta trovoada por muitos annos, ou quiçá por toda a vida.

Paredes de vedação, terras, cearas, vinhas, azeite, hortas, arvores enormes, tudo ficou destruido!

Posto a nossa imaginação tenda sempre, n'estes casos, para avolumar a desgraça, não serei exaggerado affirmando que os prejuizos são muito superiores a 400 contos de reis.

N'esta villa parecia o dia de juizo, tal era a consternação de quasi todos os habitantes ao vêrem os seus predios e fructos destruidos pela chuva torrencial e granito, algum do tamanho de castanhas, que transformava repentinamente em lagos e ríos caudalosos os largos e ruas publicas.

A camara municipal, reunida em sessão a convite do administrador, e sob proposta do mesmo, deliberou conservar-se em sessão permanente para attender e attenuar quanto possivel as innumeras difficuldades resultantes de tão grande tempestade.

Vae representar-se ao governo, pedindo protecção para tamanho infortunio e tambem á nossa bondosa rainha para que soccorra este desgraçado concelho com alguma quantia do cofre dos innocentes.»

Ordem do exercito.—José Maria da Silva Macedo, promovido ao posto de major.

Bacharel Eduardo José Coelho, nomeado juiz auditor do 1.º concelho da 1.ª divisão militar.

Jeronymo José Correia de Carvalho, nomeado commandante interino da 2.ª divisão militar.

Henrique José Alves, nomeado commandante interino da 3.ª divisão militar.

David Antonio Cesar da Silva Froes, nomeado 2.º commandante da 2.ª divisão militar.

José Frederico Amado Judice, nomeado segundo commandante da 4.ª divisão militar.

Agraciados com o grau de cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz os capitães João Baptista Botelho, José Nicolau da Costa e Liz, e o major reformado Francisco Rodrigues Pereira.

O alferes Francisco dos Reis Ramos exonerado do exercicio de ajudante.

Nomeado ajudante de campo do governador de S. Julião da Barra o tenente José Matheus Lapa Valente.

O capitão João de Sousa Neves promovido ao posto de major.

O 1.º tenente de artilheria 3 promovido ao posto de capitão.

O general de brigada Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello promovido ao posto de general de divisão.

O 1.º sargento de artilheria 1, Romão Augusto, promovido ao posto de alferes ajudante do forte da Graça.

O tenente ajudante da praça, Filippe Augusto da Luz Lobo, promovido ao posto de capitão almoxarife.

O alferes Antonio José Libanio de Andrade, promovido ao posto de tenente.

Passados á disponibilidade os capitães Ildefonso Porfirio de Mendonça e Silva, Sebastião da Gama Villa Lobos Pinto, Luiz Augusto de Cerqueira, e o cirurgião de brigada Francisco Lopes da Cunha Pessoa.

Promovidos a generaes de divisão os generaes de brigada Antonio Guedes de Vilhena Quinhones de Mattos Cabral e Carlos Ernesto de Arbués Moreira.

Reformados o general de divisão Antonio Augusto de Macedo e Couto e o capitão almoxarife Martinho da Conceição.

Exonerado de governador do forte da Graça o coronel de estado maior Carlos Augusto Pereira de Chaby.

Nomeada a commissão para revisão do codigo de justiça militar.

Antonio José de Barros e Sá, presidente, José Maria Borges, auditor, coronel Joaquim da Cunha Pinto, Francisco Hygino Craveiro Lopes, major José Estevão de Moraes Sarmento.

Nomeada uma commissão para escolher de differentes projectos um para a melhor organisação d'uma padaria militar.

Decreto auctorisando nos corpos do exercito e guarnição de praças de guerra o estabelecimento de sociedades cooperativas officiaes.

Declarando que a nomeação para quaesquer commissões temporarias não inbibe os officiaes de estar de serviço que lhes compete pelos seus postos ou empregos, quando não haja n'isso absoluta incompatibilidade;

Nomeando José Honorato de Mendonça vogal da commissão consultiva de defeza;

Nomeando director do hospital militar de Lisboa o cirurgião José Maria Lopes da Silva Leite;

Nomeando cirurgião-mór da praça de S. Julião da Barra João Simões Pedroso de Lima;

1.ª divisão militar—Segundo commandante, e general de brigada, segundo commandante da 3.ª divisão militar, João Malaquias de Lemos.

2.ª divisão militar—Sub-chefe do estado maior, o tenente-coronel do corpo do estado maior, sub-chefe do estado maior da 4.ª divisão militar, Miguel Augusto de Sousa Figueiredo.

Cirurgião de brigada, o cirurgião de brigada, director do hospital militar permanente de Lisboa, Carlos Augusto Schiappa Pietra.

3.ª divisão militar—Segundo commandante, o general de brigada, segundo commandante da 2.ª divisão militar, José Cyrillo Machado.

Despachos de justiça.—Verificaram-se os seguintes:

Conselheiro Lucas da Trindade Leitão, juiz do supremo tribunal de justiça, aposentado, como requereu, com o seu ordenado e um terço, e as honras respectivas.

Conselheiro Antonio de Almeida e Sousa Novaes, presidente da relação do Porto, nomeado juiz do supremo tribunal de justiça.

Becharel Antonio Augusto Cabral de Sousa Pires, vice-presidente da relação do Porto, nomeado presidente.

Bacharel Francisco de Mello da Fonseca Castro, juiz da relação do Porto, nomeado vice-presidente da mesma relação.

João Carlos de Almeida, escrivão substituto do juiz de direito do Cartaxo, nomeado definitivamente para o referido officio.

Joaquim Manuel de Sá Pereira e Castro e Francisco da Cunha Mechado e Carvalho, contadores e distribuidores das comarcas de Macedo de Cavalleiros e Porto de Moz, transferidos reciprocamente.

Antonio Roque Cardoso Machado nomeado escrivão do juizo ordinario de Obidos, podendo a accumular o tabellionato.

João da Costa Mascarenhas, nomeado escrivão ordinario de Mattosinhos (Porto).

Novas de Fouge

Os principes proscriptos.—O conde de Paris, seu filho o duque de Orléans e seu sobrinho o principe Henrique quando chegaram a Tunbridge-Wells, foram na estação do caminho de ferro, recebidos pelo sr. Hatch, principal authoridade da povoação, que dirigiu ao conde de Paris as palavras seguintes:

«Senhor: Os membros do concelho municipal de Tunbridge-Wells desejam offerecer a V. A. R. em nome dos habitantes d'esta povoação, a sincera expressão dos seus desejos, exprimindo o mais profundo sentimento de gratidão pela escolha que V. A. fez de Tunbridge-Wells para vossa residencia temporaria.

Sem fazer allusões ás circumstancias que obrigaram a V. A. R. a procurar asylo n'este paiz, não podemos deixar de manifestar o maior prazer em vos receber, pois lembramo-nos sempre com saudade dos membros da vossa real familia que já residiram entre nós.

Esperamos que, durante todo o tempo do vosso exilio, vós e vossa augusta familia ficareis n'esta povoação, onde encontrareis um retiro agradavel, que nós trataremos de embellezar por todos os meios.»

O conde de Paris respondeu em inglez:

«Agradeço-vos, senhor, assim como ao concelho municipal e aos habitantes de Tunbridge-Wells, tão amaveis expressões. Recebi já a hospitalidade da Inglaterra, e conservo uma saudosa recordação d'este paiz, onde passei a minha infancia. Os dias de exilio da minha familia foram sempre dias de desgraça para a França.

Venho procurar aqui o repouso e a tranquillidade que me são necessarias para trabalhar na regeneração da minha patria.»

Por decreto dos ministros da guerra e da marinha francezes, e em conformidade do artigo 4.º da lei de expulsão, foram riscados dos quadros do exercito francez o duque de Aumale, general de divisão; o duque de Chartres, coronel de cavallaria; o duque de Alençon, capitão de artilheria; o duque de Nemours, general de divisão do quadro da reserva; o conde de Paris, tenente-coronel do exercito territorial; o principe de Joinville, vice-almirante desde 1844 e collocado no quadro da reserva do estado-maior da armada; e o duque de Penthievre, tenente da armada.

Na mesma medida são tambem comprehendidos o principe Murat, general de brigada desde 1870 e seu filho que era tenente de dragões.

O ministro da guerra invoca a favor d'esta ultima medida o facto de que, por um decreto imperial, o principe Murat foi considerado membro da familia imperial, obtendo por esse motivo direito ao titulo de alteza.

Noticias de Paris informam que n'estes ultimos dias se tem verificado n'aquella cidade uma verdadeira manifestação, que tem contrariado muito os radicaes. Nos *boulevards* não se ouve senão os gritos dos vendedores apregoando retratos e biographias do conde de Paris. Nas *montres* dos estabelecimentos está tambem exposto o retrato do pretendente. Os monarchicos compram retratos e biographias, fazendo alarde d'isso para animar os vendedores a gritarem.

A imprensa republicana clama furibunda contra este espectaculo, denunciando a audacia da conspiração monarchica e pedindo com insistencia e em termos energicos, que sejam expulsas as familias dos pretendentes,

Os republicanos sensatos declaram que esta propaganda não é perigosa, mas que é incommoda e provocativa e que excita os radicaes a pedirem medidas de repressão. Do manifesto do conde de Paris tem-se tirado milhões de exemplares, que estão já nos departamentos a distribuir-se com grande profusão e preparados para se affixarem em forma de cartazes nas esquinas de todas as povoações da França por insignificantes que sejam. A lei especial contra a fixação de cartazes que se considerem sediciosos chegará tarde, demasiado tarde como tinha previsto o sr. Cossagnac.

A *Patrie* faz uma tiragem extraordinaria do discurso do principe Victor.

Uma correspondencia de Paris exprime a difficuldade de poder decidir sobre o resultado que terá a lucta já travada entre a republica e a monarchia, apesar de que nem as multidões da capital são monarchicas, nem o exercito francez facil de sublevar-se.

Apesar d'isso, a corrente das altas pronuncia-se cada dia com maior empenho. Periodicos como o *Journal des Débats*, cujo director assistiu á recepção do palacio Galliéra, vacilam e receia-se que venham augmentar a lista dos jornaes que apoiam a causa da monarchia.

O que é um facto irrecusavel é que os animos e as paixões cada dia se exaltam mais. A imprensa monarchia franceza applaude o manifesto do conde de Paris. O *Français* exprime á sua similhança de que o conde de Paris, com a cooperação de todos os homens honrados, salvará a França, e que o grito dos patriotas, artistas e pescadores de Trepot de—viva o rei!—terá écho n'um paiz cançado e desgostoso pelas saturnaes republicanas. Descreve a partida para o desterro como de mais effeito que muitas entradas triumphaes e accrescenta que não póde estar longe o momento decisivo.

O *Soleil* falla da herança da republica que brevemente ficará vaga e do conde de Paris que é o herdeiro indicada.

A gente honrada, diz, conhece que a republica a abandonava aos demagogos e que a monarchia é a unica que póde assegurar á França a ordem de que está precisado.

O jornal catholico o *Monde* diz que os principes serão brevemente tão queridos em toda a França como na Normandia e que os realistas, justamente orgulhosos do conde de Paris completarão a sua obra por incessantes esforços e pela propaganda.

A *Victoria*,—diz, referindo-se á expulsão, offende não sómente ao «descendente dos nossos reis», mas tambem os direitos, liberdade e garantias, sem as quaes uma nação não póde viver, e Deus queira que a monarchia possa surgir da epoca revolucionaria, antes que a França fique completamente arruinada. Essa partida foi uma promessa de regresso para o principe e a salvação para a França. «Não o tornaremos a ver senão como rei e estamos resolvidos a tornar a vel-o.»

A condessa de Paris.—Saiu segunda-feira de manhã do castello d'Eu para embarcar em Calais.

Houve grandes manifestações de sympathia por parte de toda a população, soltando-se gritos de «Viva o conde de Paris! Viva o rei! Até á volta! Até breve!»

A condessa de Paris tomou logar n'uma carruagem-salão acompanhada de seus filhos, a princeza Helena, a princeza Izabel, a princeza Luiza e o principe Fernando. Era acompanhada pelos duques de Chartres, duque de Harcourt e doutor Guéneau de Mussy.

Em Calais a condessa de Paris e seus filhos embarcaram no paquete inglez *Foxm* que içou o pavilhão francez.

A condessa de Paris chegou a Dover de perfeita saude, sendo esperada pelo conde de Paris e duque de Orleans.

O conde de Paris foi o primeiro a saltar a bordo do paquete, para abraçar, commovido, a esposa e os filhos. A multidão, ao presencear esta scena commovedora, exclamou cheia de enthusiasmo: «Viva á casa de França!»

Quando os viajantes saltaram em terra, o enthusiasmo chegou ao cumulo. Com grande custo póde abrir-se entre a multidão um estreito caminho até á *gare*, onde os esperava um comboyo especial, que os devia conduzir a Tunbridge-Wells, n'um wagon real enviado pela rainha de Inglaterra.

Em Tunbridge-Wells, logo que se soube da chegada dos principes de Orléans, poz-se tudo em festa. As ruas appareceram todas embandeiradas. Uma multidão compacta de gente da cidade conjunctamente com muitas pessoas vindas de Londres se apinhava por todos os lados, onde passava a familia de Orléans. A *gare* estava adornada com flores e festões. Quando o comboyo parou, levantaram-se vivas aos viajantes, e muitas senhoras correram á portinhola para offereceram ramos á condessa de Paris. Em nome dos francezes alli residentes foi tambem offerecido um grande ramo de flores azues, brancas e vermelhas, atado por um laço de fita tricolor.

Até ao hotel, repetiram-se muitas vezes as saudações de «Viva a casa de França! Viva a França!»

Carta do duque do Nemours.—*Paris, 24 de junho—Aos membros do conselho.*—Meus caros collegas: Deponho em vossas mãos a minha demissão de presidente da Sociedade franceza de soccorros aos feridos miltares.

A lei de expulsão, promulgada contra a minha familia pelos poderes publicos da Republica franceza, entre outras medidas com que me ataca, expõe-me, todos os momentos; a ser violentamente afastado do meu domicilio e expulso da França, nossa patria commum.

Esta lei, que rouba aos membros da minha familia as garantias de liberdade e os direitos assegurados a todos os francezes, colloca-me em tal situação que não posso continuar a exercer as funcções da presidencia da nossa querida sociedade.

Não tentarei descrever os sentimentos que me dilaceram o coração, ao traçar estas linhas. Não encontraria phrases que podessem pintal-os.

Mas, vós os comprehendereis, meus caros collegas, vós, com quem me encontrei sempre em perfeita harmonia para servirmos com a melhor vontade, n'esta obra de caridade e patriotismo, a França, nossa terra extremecida.

Vós continuareis essa grande obra e desenvolvel-a-eis.

Os meus pensamentos, os meus votos, ficar-lhe ão associados: pois considero uma grande honra na minha vida ter collaborado comvosco, durante 12 annos, e ser ainda em 1884, reeleito por unanimidade de votos e pela terceira vez para a mesma presidencia.

Se a obra foi grande durante esse periodo, um tal resultado deve-se á nossa união, á confiança que testemunhastes ao vosso presidente ao concurso dedicado que sempre encontrou da vossa parte e da parte de todos os representantes e membros da nobilissima cruzada.

Não me esquecerei nunca tambem das relações pessoaes que com todos tive, especialmente comvosco, meus queridos collegas.

Esta saudade vos acompanhará nos vossos trabalhos. E deixae-me ter a esperança de que vos recordareis tambem amigavelmente do vosso antigo presidente.

Essa esperança me suavisará as amarguras da separação actual.

Luiz de Orléans, duque de Nemours.

Testamento do duque de Orléans.—Os jornaes estrangeiros annunciam a publicação de um documento tão curioso como importante no actual momento. E' o testamento politico do duque de Orléans, pai do conde de Paris, e cujas clausulas tinham permanecido secretas até hoje.

A duqueza lia-o quasi que diariamente a seus filhos, e fez jurar ao conde de Paris que lhe daria cumprimento se chegasse a ser rei de França.

O testamento do duque de Orléans, é, portanto, o programma do conde de Paris. Entre outras cousas, o duque de Orléans diz no seu testamento politico:

«Meu filho, quer seja rei, quer obscuro defensor de uma causa á qual todos pertencemos, terá que ser sobretudo e primeiro que tudo um homem do seu tempo e do seu paiz. Em religião deve ser catholico. Em politica, zeloso e exclusivo servidor da França e dos principios de 1789 Meu filho deve considerar-se como collaborador da França e não como seu tutor.»

ALGUMAS PALAVRAS

ÁCERCA DA ORGANISAÇÃO DE UMA SOCIEDADE OU COMPANHIA EXPLORADORA DA RIA D'AVEIRO

(Continuação.)

Tomando pois as duas medias extremas, isto é a mais baixa de 180$000 reis deduzida dos calculos do sr. Silverio, referidos a piscinas com mais de um kilometro de lado e onde portanto os trabalhos se simplificam coadjuvando-se uns aos outros, e a mais alta de 500$000 reis fornecida pelo custo de alguns estabelecimentos da mesma ordem no estrangeiro onde se prima em dar ás obras certa perfeição, aliás não indispensavel, obteremos ainda outra media de 340$000 reis, a qual se aproxima muito da que nos deu a aplicação dos preços proporcionaes dos trabalhos d'este genero em Aveiro.

Falta-nos dizer agora qual será o rendimento provavel de uma piscina e de um viveiro de estacionamento e engorda, referido á superficie de um hectare. Nas piscinas são maiores as despezas do custeio, porque exigem mais cuidado e occupam maior superficie, mas não existem as da compra do peixe que deve povoar o viveiro, nem as da alimentação das especies carnivoras, pois que tanto aquelle como esta entram no numero dos seus productos. Estabelecem-se portanto compensações que fazem com que o rendimento de um ou outro methodo de exploração seja pouco mais ou menos o mesmo.

Posto isto, como nos é mais facil, e mais convincente para outros, a avaliação do rendimento de um simples viveiro, será esse o que trataremos de averiguar, soccorrendo-nos com o resultado obtido por um inicio d'esta industria, que já existe em Aveiro, ainda muito reduzida e imperfeita.

De meia duzia, se tanto, de pequenos viveiros de peixe, que hoje funccionam proximo d'esta cidade, é incontestavelmente o maior o que se acha estabelecido junto ao Caes do Cojo, o qual mede muito aproximadamente tres hectares. Este viveiro, mal collocado e em condições de fundo e exposição pouco convenientes, alem de outros defeitos, recebe apenas aguas das grandes preamares, succedendo por vezes estar tres, quatro e até cinco mezes sem poder renovar as suas aguas, por se apresentarem turvas e muito misturadas de agua doce as que essas preamares poderiam fornecer-lhe. Está dividido em duas zonas, uma maior outra mais pequena, limitando a sua industria a receber o peixe, quando pequeno, e a fornecel-o ao mercado quando adquire tamanho conveniente.

Como se vê, os processos n'elle empregados são muito incompletos, não havendo o apartamento necessario das especies, e achando-se em mistura o peixe novo com o já desenvolvido, o que dá logar a que muito d'aquelle sirva unicamente de alimantação a este, quando das especies carnivoras. Não ha muito ainda que grande porção de pequenos lingoados, que alli foram lançados para especulação, desappareceu e serviu apenas de pasto aos roballos, que lhes moveram guerra cruel.

Pois, não obstante o que deixamos dito e que demonstra bem até que ponto a industria se pode julgar ainda em atrazo n'este viveiro, o seu rendimento, ao fim de tres annos depois de concluido, foi de 130$000 reis elevando-se no quarto a 300$000 reis e sendo de esperar que suba ainda nos seguintes, á medida que forem sendo adoptados novos processos ou melhorados apenas os actuaes.

O custo d'esta obra, que teve de ser executada em condições pouco favoraveis, não chegou a um conto de reis, ou 330$ reis por hectare, e as despezas de custeio, durante os annos que tem funcionado, não excederam ainda 30$000 reis annuaes.

Reunindo todos estes elementos e tratando de deduzir d'elles a media que procuramos para o rendimento annual de um hectare de piscina ou viveiro, vemos que, no caso presente, ella sobe a 100$ reis, dos quaes ha a abater ainda a parte que lhes corresponde nas despezas de custeio, ou 10$000 reis annuaes, deixando para incorporar no capital dispendido os juros d'este e a importancia das despezas de custeio nos dois primeiros annos, em que o rendimento se suppõe nullo.

Por este modo chegamos á conclusão de que um hectare de piscina representa no fim de dois annos um desembolso de 434$000 reis, cujo rendimento principia a ser de ahi em diante de 90$000 reis annuaes, isto é, o capital dispendido fica vencendo um juro superior a 23 p. c.

Se fizermos agora entrar em linha de conta o valor e rendimento correspondente do terreno occupado, e sendo o preço medio, na ria de Aveiro, das praias e sapaes, do genero que mais convém no nosso caso, de 600$000 reis por hectare, ao qual arbitraremos o juro de cinco p. c., ou 30$000 reis annuaes, ficar-nos-ha para rendimento da industria propriamente dita a quantia de 60$000 reis por hectare, o que nos dá um juro para o capital dispendido muito proximo ainda de 14 p. c.

Dito isto e ponderado bem o cuidado que tivemos em não introduzir n'este calculo elemento algum hypothetico, servindo-nos de dados certos e conhecidos e tomando as bases maximas para as despezas e as minimas para o rendimento, parece-nos desnecessario insistir mais nas grandes vantagens e auspicioso futuro que a ria de Aveiro tem a esperar da organisação e generalisação de uma industria, regular e bem dirigida, de piscicultura, e egualmente inutil encarecer os lucros que esta industria pode offerecer aos capitaes que n'ella queiram encontrar collocação.

OSTREICULTURA

Abrange esta industria a exploração dos bancos naturaes de ostras que se acham espalhados por varios pontos da superficie submersa do globo, a creação de novos bancos artificiaes, e ainda a colheita, sobre estes ou aquelles, das pequenas ostras que são conduzidas a reservatorios apropriados onde se trata de favorecer o seu desenvolvimento.

O estabelecimento de ostreiras, mais ou menos aperfeiçoadas, remonta a longas datas. As afamadas ostras do lago Lucrin, perto de Napoles e em communicação com o Mediterraneo, mais tarde reproduzidas no lago Fusaro, pouco distante d'aquelle, foram alli introduzidas por um romano contemporaneo de Cicero, Sergius Orata, que as fez transportar de Brindes, obtendo enormes lucros d'esta sua especulação.

Tanto na Europa, como na America e Azia, a cultura das ostras alimenta hoje um importantissimo ramo de commercio que tende a desenvolver-se cada dia mais e que offerece já bons e seguros lucros ás emprezas organisadas para a exploração d'este molusco.

No nosso paiz existem em varios pon-

---

aonde não tens que fazer. Arranja-te e vem, porque te fica mal estares por aqui sósinha.

Rosa *(entrando em casa)*.—Em breve estarei junto de si, meu pae.

Manuel Lopes.—Lá te espero. Olha que aquillo está bonito. Vale a pena ver-se. *(Sae)*

Francisco.—Vá, gire toda a malta.

Todos.—Vamos lá. *(Saem)*

Sinfronio.—Até que emfim vou occupar o meu logar. Elles saberão que se não insulta com duas grosserias um *reporter* d'um jornal. Eu lhes mostrarei quem é o Sinfronio Amado. Um necrologio, um artigo, uma local, um communicado, um telegramma mandado pela grande velocidade, tudo no mesmo momento, e eu ficarei vingado. *(Sae D. A.)*

SCENA VI

CARLOS E ROSA *(sahindo de casa)*

Carlos *(descendo e cortando-lhe a passagem)*.—Para onde ias tu com tanta pressa, Rosa, que nem déste por mim, minha filha?

Rosa *(surprehendida)*.—Ah! Estava ahi, sr. Carlos?

Carlos.—Vês? Nem te lembravas sequer de, que haviam os meus olhos de vir pedir aos teus a luz e a vida, que lhes falta a elles!

Rosa *(embaraçada)*.—E' que estava tão longe de suppor, que ainda aqui o encontrava... Mas o peor...

Carlos.—Que tens tu, Rosa? parece que anceias pelo momento de fugir-me? Não sei porque...

Rosa *(interrompendo-o)*.—Mas... Valha-me a Virgem Maria! Eu não quero fugir-lhe, Carlos. Não seja injusto. Mas o dever... meu pae, que me espera na estação... Oh! meu Deus! que dirá aquella gente, se eu me demoro aqui?!

Carlos.—No meio de tantas agitações, de tantos enthusiasmos, ninguem se lembrará de ti, Rosa! Deixa-os gastar no seio das sensações pueris, e vamos nós elevando o espirito aos páramos do amor, onde a vida é um complexo de perfumes, de flores..,

Rosa.—Oh! Calle-se, Carlos,

Carlos.—Ninguem diria, minha filha, que se vão aproximando as horas de partir...

Rosa.—De partir? Valha-me Deus! Pois o sr. Carlos...

Carlos.—Não pude esquecer-me ainda do que fará, sem duvida, a minha eterna felicidade.

Rosa.—Oh! Por Deus, Carlos. O templo do nosso amor é um sanctuario purissimo. Não queiramos nós derribar-lhe os altares. Não vamos insultar-lhe o ideal a que aspira. Demos tempo ao tempo.

Carlos.—O amor é um templo purissimo, disseste tu. Tem altares, é verdade, mas tambem tem victimas, que a desesperação imóla com uma impiedade febril. E' força que abramos o livro dos nossos destinos. Ligou-os Deus por tal fórma, que já ninguem poderá separal-os. Vamos, Rosa. Este sentimento ardente, que nos uniu o coração, não póde sacrificar-se nas aras d'um preconceito estulto. Que nos importa a nós o mundo e a sociedade, Rosa? Com que doidas considerações nos prendemos nós, meu amor? Tu sabes bem o que nos cumpre fazer, para que o futuro nos sorria d'esperança, e cortemos d'uma vez esta cadeia maldita, que nos arroxeia a consciencia. Fujamos, Rosa. Bem perto nos espera o altar de Deus para abençoar a nossa união. Ddepois..

Rosa.—Oh! Carlos depois, o que será d'aquelles desgraçados velhos, a quem roubaremos a alegria e a consolação de sempre?

Carlos.—Viremos arrancal-os ao seio d'esta vida laboriosa e rude, que os atrophia e lhes consome as forças. Vamos, Rosa. E' um sacrificio de momento, em paga d'uma eternidade d'amor. E' um martyrio de poucas horas em troca da redempção do nosso affecto. E' um tormento rapido, mas suave, que fará a sublime transição entre a nossa vida d'espinhos e a nossa corôa d'esposos.

Rosa *(vacillante)*.—Oh! Carlos, Carlos.

Carlos.—Abramos nós o portico d'esse sanctuario, a que tu chamaste depois o templo do nosso amor. A familia é uma serie de vibrações dulcissimas em todas as cordas da harpa da nossa alma,

Rosa.—*Calle-se, calle-se.*

Carlos *(baixo)*.—E' mister fugir!

Rosa *(suffocada)*.—Ah! Fugir? Nunca! E meu pae? e a sua honra? e o meu dever?

Carlos.—E o nosso amor? E a nossa vida? *(a meia voz)* e a nossa filha, Rosa?

Rosa *(chorando)*.—Oh! a minha filha! a minha filha, Carlos! Para que veio despertar-me? Para que foi arrancar-me ao coração uma flor de sangue, que eu tinha guardada tão intimamente no sacrario das recordações mais puras? Não lhe pedi já, pelo nosso amor, que me occultasse esse nome sanctissimo, que m'o escondesse dos sentidos para que a lembrança d'elle não viesse despertar-me do lethargo, que a fatalidade me impoz? E' falta de coração matar assim...

Carlos.—Eu não quiz magoar-te, Rosa. Se te fiz esvoaçar na mente o nome da nossa filha, foi para lembrar-te que lhe falta o carinho dos beijos de mãe que a pobre creança não conhece ainda. Queres que aquelles braços pequeninos se descostumem a cingir o collo maternal? Oh! é mister fugir, dando um golpe de morte n'um passado d'illusões. E' preciso que se dê, para que o futuro se alevante formoso, como a estatua da consolação, ridente como um fanal d'esperança, limpido como o azul do Ceu.

Rosa *(agitada)*.—Olhe que vae perder-me, Carlos. Olhe que vae atirar ao abysmo da perdição uma desgraçada mulher, que não teve coragem para resistir ao fogo da sua paixão. Pelo amor de Deus...

Carlos *(interrompendo-a)*.—Oh! Vamos, Rosa. Aproveitemos a occasião, que parece que o Ceu nos offerece Ninguem se lembrará de nós.

Rosa.—Jesus! E meu pae... Oh! sr. Carlos: deixe-me por compaixão. Não tenho forças para me arrastar para tão longe d'aqui.

Carlos.—Não queiras matar-me, Rosa. Entre as nossas almas ergueu Deus um altar e um abysmo. Ou o ceu me levanta comtigo aos mundos do meu ideal, ou a fatalidade me arroja sosinho ás profundezas do inferno. Está bem posto o dilema. Ou o teu amor e a tua vida, ou o isolamento de mim mesmo entre os abysmos do nada. E' a ti que eu deixo livre a escolha. Cumpre-te agora fazel-a.

Rosa.—Oh! Carlos, que desgraçada que eu sou.

Carlos.—São horas de partir. Se nos demorassemos mais, tudo estaria perdido. Ouve-me pela ultima vez, Rosa: Quiz o ceu ou o inferno que eu te visse n'um dia e me perdesse para sempre. A paixão desvairou-me, e o amor ou me perde, ou me salva. Tens na tua mão a minha vida e a minha morte. Dispõe d'ellas á tua vontade... Joga-as como quizeres.

Rosa.—Virgem Santa!

Carlos.—Reponde, mas n'uma palavra só, mas d'uma fórma positiva e terminante. A minha vida com o teu amor, ou a minha morte pelo teu desprezo!

Rosa *(chorando)*.—Meu Deus! Meu Deus!

Carlos.—Uma palavra só e eu saberei o que me cumpre fazer. Mas breve. Dil-a depressa. O sacrificio pelo prolongamento da dôr é um martyrio que ninguem supporta.

Rosa *(vacillante)*.—Oh! Fugir... Nunca!

Carlos *(febril)*.—Ainda bem! Foi a ultima palavra d'uma sentença de morte. Bem hajas, Rosa, por te caber a ti a gloria da condemnação. Bem hajas por me negares os braços, que podiam arrancar-me do abysmo. Bem hajas por me arrojares ao seio da voragem. E tu, coração, suffoca as palpitações que te fazem estallar de dôr.

Rosa *(com um grito abafado)*.—Oh! Deus de Misericordia!

Carlos.—Esmaga o sentimento ardente que te escalda. *(A Rosa)* E tu... ri-te do desespero d'um louco. Ri-te da desesperação d'um condemnado do Ceu, que eu buscarei, no silencio da morte, a paz que me roubaste. Adeus... Adeus, Rosa. *(Vae a sair, subindo)*.

Rosa *(idem)*.—Oh! Não, Carlos. Não partirá sem mim! O mundo é um vasto ambiente para o desafogo das muitas lagrimas que eu hei de chorar, quando me vir longe de meus paes. Mas... que o céu me proteja, n'esta fatal peregrinação da minha vida, e o seu amor compense tão grande sacrificio. *(Ouve-se distinctamente o apitar da locomotiva, que vae passando pelo aqueducto, o estoirar incessante dos foguetes, os hymnos reaes e os vivas.)* Tanta alegria, tanta agitação n'aquella gente! Oh! Virgem Santa! Vigem Santa. *(Sáe com Carlos)*.

SCENA VII

SINFRONIO E *depois* LEONARDO

Sinfronio *(D. M.)*—Ahi vae o progresso! Ahi vae o progresso!

Leonardo *(E. M.)*—*Cal* progresso nem *cal* carapuça! Aquillo é mas é o *camboyo*.

(Cae o panno)

ACTO II

Em Vallada. A' E. B. uma capella, cujas portas estão abertas, e a que dão accesso tres degraus. A' D. B. uma casa com escadaria e patamar á vista. Ao F. uma cortina de Caes, que sustêm as agoas do Tejo.

SCENA I

ROSA, *(que vem sahindo da Capella)* E PADRE JOSÉ

Padre José *(pela D. A., encontrando-se com Rosa)*.—Bemdictas sejam as tuas orações, pobre creança.

Rosa.—Ah! O sr. padre José aqui?

Padre José.—Para ondes ias tu, Rosa?

Rosa.—Para casa, cuidar na minha Celeste.

Padre José.—Estiveste tanto tempo aos pés da Virgem?

Rosa.—A pedir-lhe pela vida de meu pae, e pela alma de minha mãe.

Padre José.—A tua mãe morreu?

Rosa *(desce)*.—Ha dois mezes, meu bom amigo.

Padre José.—E só agora m'o dizes,

tos bancos naturaes d'ostras, os quaes são mais ou menos explorados para o consumo; mas, só em Lisboa, se tem ligado mais importancia a esta industria, estabelecendo parques de criação e beneficiação indispensavel para dar a este molusco certas condições especiaes exigidas nos mercados.

Por dois modos, differentes na fórma, mas tendentes ambos ao mesmo fim, se póde pôr em pratica esta industria, dependendo a preferencia de um ou de outro das circumstancias e condições especiaes do local em que se pertenda estabelecel-a. Os locaes preferiveis são os mais proximos dos grandes centros de população, onde é maior o consumo, e de ordinario no estuario dos grandes rios.

Se alli existem bancos naturaes de ostras, limita-se a industria a pescal-as já desenvolvidas e a conserval-as por algum tempo em logares apropriados, até que adquiram a fórma, côr, e sabôr que as torna mais apreciadas pelos consumidores. Se não existem esses bancos, toma então esta industria todo o seu desenvolvimento, começando pelo estabelecimento de bancos artificiaes para a reproducção da ostra, fixação dos seus ovos n'um estado ainda quasi embryonario, colheita posterior d'estes já transformados em pequenos individuos, e finalmente criação e engorda da ostra até que chegue ao estado de poder ser entregue ao commercio.

Ha portanto, como se vê, grande paridade e analogia entre a piscicultura e a ostreicultura, podendo dizer-se que o systema é o mesmo tanto n'uma como n'outra, differindo apenas nos processos praticos, meios de vida e condições especiaes que requerem os productos d'esta ou d'aquella.

Uma ostreira completa deve comprehender o parque de reproducção, bacias para criação, e os claros para engorda e ultima preparação da ostra antes de sair para o mercado. Cada uma d'estas secções, em que deve estar dividida a ostreira, occupa superficies differentes. Assim, os claros exigem uma superficie dupla pelo menos da que occupam nas bacias de criação, onde a ostra, ainda de pequenas dimensões, pode estar mais accumulada, e o parque de reproducção pode limitar-se a metade da superficie que se entenda dever dar ás bacias de criação.

Tambem não é indifferente em uma ostreira a natureza do fundo e qualidade das aguas, ainda que alguns enthusiastas pelo desenvolvimento da ostreicultura pertendam affirmar que a condição de fundo pode ser dispensada ou modificada por meio de processos particulares de aclimatação, e que a mistura da agua doce com a salgada, desde que não exceda certa proporção, é conveniente ao desenvolvimento da ostra. O que a experiencia, e exame das condições em que se acha estabelecida a maior parte das ostreiras naturaes, nos mostra é que ella prefere um fundo fixo e resistente, limpo da vegetação de grandes plantas aquaticas e ao abrigo de qualquer envasamento, parecendo agradar-lhe geralmente a agua da embocadura dos rios ou bacias salgadas em communicação directa com o mar.

Ha na ria de Aveiro dois pontos, onde a disposição natural do terreno nos parece extremamente favoravel ao estabelecimento de duas boas ostreiras, e onde julgamos encontrarem-se reunidas as condições de que acabamos de fallar.

Estes dois tractos de terreno, ambos emergentes, variam de constituição de um extremo a outro, sendo n'uma parte formados pela aglomeração de areias calcareas e siliciosas, e devidas n'outra á sobreposição de differentes camadas de terras de alluvião em que abundam as argillas, prestando-se portanto á preparação do fundo conveniente para cada uma das secções que abrange a ostreira.

Esses pontos ou locaes a que nos referimos são: na grande coroa quasi contigua e ao sul do paredão que liga o forte da barra com as terras da Gafanha e apenas separada d'este por um pequeno canal, e nos terrenos a descoberto, mas ainda innundados pela preamar, ao norte e no prolongamento da mota do novo canal em construcção, a qual mede já extensão superior a dois kilometros. A sua proximidade da boca da barra, e facilidade por tanto em receber as aguas necessarias de uma ou outra maré, torna-os muitissimo convenientes ao estabelecimento d'esta industria, acrescendo ainda a circumstancia de ser na proximidade e immediações d'estes terrenos que hoje se encontram ainda algumas ostras, que alli se vão reproduzindo naturalmente e indicando o local onde encontram mais favoraveis condições de vida.

O que é facto, porém, é que difficilmente se encontrará hoje em toda a ria de Aveiro um local, onde possa promover-se a criação de um banco natural de ostras, sem que se tornem necessarios os resguardos, tratamento, e cuidados aconselhados e indispensaveis á boa conservação dos bancos artificiaes. A mobilidade do fundo da ria n'uns pontos, e o envasamento constante e progressivo n'outros em que a vegetação é sempre crescente, poucos e pequenos espaços deixam para a permanencia das ostras no estado de quietação e commodidade proprias a poderem reproduzir-se.

O estabelecimento, pois, da ostreicultura na ria requer, primeiro que tudo, a criação de bancos ou parques artificiaes, em que se opere a reproducção das ostras n'uma escala correspondente á capacidade das ostreiras, e onde a arte venha suprir algumas condições favoraveis que a natureza lhe não proporciona. Para povoar estes parques, será necessario mandar vir d'outra localidade as ostras mães, visto como as que se poderão obter na ria de Aveiro são insufficientissimas para este fim. N'este caso convem estudar bem qual das diversas variedades que existem d'este molusco será a mais propria para o meio e condições de vida que aqui é possivel criar-lhe, e a que melhores e mais seguras vantagens reune para o commercio.

E' facto que a variedade que povoou em tempo a bacia da Costa Nova, quando em communicação com o mar pela barra da Vagueira, parecia encontrar-se alli muito á sua vontade, reproduzindo se em grande quantidade e chegando a adquirir dimensões notaveis. Esta variedade, porém, que parece ter sido a *ostrea hyppopus* não é das mais apreciadas e procuradas hoje para o consumo, não obstante ser maior e ter talvez o mesmo sabor que a *ostrea edulis*, que é a mais preferida e obtem preços mais elevados.

Convém, pois, que os novas ostreiras, que venham a estabelecer-se, sejam povoadas com esta variedade, facil de obter em Lisboa e cujas condições de vida não apresentam afinal differença sensivel das que exige aquella.

Uma ostreira, logo que não haja na proximidade d'onde se forneça dos individuos necessarios, na edade de um a anno e meio, só ao fim de tres annos póde principiar a fornecer ostras ao mercado, porque só no fim d'este praso e pelos processos praticos, cuja discripção por extensa não faremos aqui, ellas adquirem as dimensões e sabor especial que as torna apreciadas.

A preparação de uma ostreira, convenientemente disposta para a colheita successivamente annual d'ostras, é mais difficil e dispendiosa que a de uma piscina em eguaes circumstancias, e requer muito maior superficie porque, tendo a ostra de ali permanecer durante tres annos e sendo necessario dispor de espaço sufficiente para receber o producto annual, ou a nascença, do parque de reprodução e fazel-o seguir separadamente todos os tramites da criação e engorda, é indispensavel um systema duplo de bacias de criação para os claros correspondentes a uma só colheita, dando como assente que a ostra só habita o claro durante o ultimo anno e vive os dois primeiros annos nas differentes bacias de criação, passando de uma para outra nas edades proprias.

D'este modo e guardadas as proporções, que já indicámos, dos espaços occupados pela ostra, quando no claro ou nas bacias de criação, a superficie total de uma ostreira, em condições de producção continua, deverá ser dividida na seguinte proporção: dois quintos para claros, dois quintos para bacias de criação e um quinto para o parque de reproducção. A quantidade de ostras que um claro pode conter, e fornecer portanto para o consumo, é geralmente avaliada em um cento por metro quadrado.

Com estes elementos, e outros mais que iremos apresentando, podemos chegar á avaliação do rendimento provavel de uma ostreira, nas circumstancias que deixamos ditas.

Partindo do principio de que dispomos de um hectare de terreno apenas para o estabelecimento d'esta ostreira e de que um terço aproximadamente da superficie geral vem a ser occupado pelas bases das motas de vedação e divisões interiores, teremos de superficie util distribuida por cada uma das secções: para os claros e bacias de criação 2:600 metros quadrados para cada uma secção, e 1:300 metros quadrados para o parque de reproducção. A quantidade de ostras que estes claros podem comportar e preparar annualmente para o consumo, eleva-se a 260:000, das quaes daremos como unicamente aproveitaveis metade, ou apenas 130:000.

Obtendo hoje o custo de ostras, da variedade que aconselhamos, preço superior a 600 reis, nos mercados nacionaes em que o genero tende a subir e não a descer, adoptaremos ainda para a nossa base de venda o preço de 500 réis, mais baixo bastante que o actual, e pela aplicação do qual á quantidade d'ostras produzidas se eleva a 650$000 réis o rendimento annual da ostreira.

Nas costas de França onde se acha largamente estabelecida a ostreicultura, e onde esta industria é objecto de assiduos cuidados e progressivos aperfeiçoamentos, está demonstrado por dados seguros, estatisticas officiaes e numerosas experiencias que o custo da transformação de um hectare de terreno em ostreira, abrangendo a sua preparação, a compra de ostras mães e dos utensilios necessarios, salarios a guardas e operarios, etc., representa ao fim de dois annos, quando a ostreira entra no periodo de producção, um desembolso total de oito mil francos, ou seja 1:500$000 réis, o maximo.

Aceitando esta base de preço, que em França é segura e positiva, mas que para nós pode variar em razão das difficuldades que encontra sempre o que é novo, e acrescentando-a ainda com mais 500$000 réis, para juro do capital despendido no primeiro anno, transporte de ostras mães a maior distancia, e vencimento de um pratico que venha iniciar esta industria, visto que entre nós não ha por emquanto quem esteja habilitado a exercel-a sem as incertezas e hesitações, que tão prejudiciaes podem ser ao seu desenvolvimento e que só a repetida pratica consegue vencer, teremos assim um dispendio total de 2:000$000 réis para levar a ostreira ao rendimento annual de 650$000 réis, dos quaes temos a deduzir ainda as despezas do custeio e os encargos correspondente ao valor do terreno.

O custeio resume-se ao vencimento de um guarda permanente, que ao mesmo tempo execute os trabalhos necessarios, á alimentação das ostras que é barata e á renovação de utensilios. Destinando a verba de 120$000 réis para este fim julgamos não avaliar em pouco esta despeza. O encargo correspondente ao valor do terreno já nós vimos que era de 30$000 reis annuaes, quando tratámos das piscinas, estabelecidas em identicas circumstancias.

Feitas pois as deduções indicadas chegaremos ao resultado final de 500$000 reis de rendimento para o capital despendido de 2:000$000 reis o que equivale a um juro de 25 por cento.

Devemos todavia fazer notar que esta industria, como todas, não está isenta de revézes, e que a annos de extraordinaria abundancia de *nascença* nos parques, succedem outros de grande esterelidade, a ponto de não ser possivel colher os individuos necessarios para irem povoar os claros. Verdade é que este inconveniente pode ser attenuado por uma direcção pratica e intelligente, aproveitando o excesso dos annos abundantes para suprimento dos menos ferteis.

Assim como não deixaremos de tornar bem frisante que o calculo que apresentámos para o custo e rendimento de uma ostreira, resumida a um hectare de terreno, dá em um resultado que está longe de ser acceitavel quando se tracte de grandes superficies entregues conjunctamente a esta industria, por que então a parte relativa das despezas é muito menor, e o rendimento não deixa de ser o mesmo, ou superior, quando não haja a recear a falta de habitantes na ostreira.

Julgamos ter dito o bastante para que chegue a todos o convencimento do lisongeiro futuro que offerece a introducção da ostreicultura na ria de Aveiro e dos grandes interesses geraes e locaes que a ella podem vir a ligar-se.

(*Continua.*)

O MINISTERIO DA AGRICULTURA

Sob a epigraphe *Documentos*, publica a *Provincia* o seguinte:

«Com as declarações feitas ao parlamento, por occasião da apresentação do actual gabinete, uma certa imprensa procurou formar, com maior ou menor boa fé, uma verdadeira lenda em torno da idéa da creação do ministerio da agricultura. E' tempo de retirar da discussão este caso, em si minusculo, e de nos voltarmos de preferencia para os assumptos que realmente demandam a attenção dos espiritos esclarecidos e dos animos devotados com sinceridade ao bem da nossa patria.

E' tempo de desfazer as intrigas e de reduzir ao seu mesquinho valor os diversos expedientes usados para abafar uma idéa, senão para ferir um individuo.

Por isso, e uma vez por todas, para que a lenda da ambição não tome consistencia, e para que a justiça absoluta dê a cada um o que é seu, a *Provincia* publica em seguida dois documentos que dispensam commentarios.

Foi, é e continuará a ser proposito decidido d'esta folha pugnar pela causa que abraçou, de propôr e evangelisar uma politica de moralidade sem idealismos, politica pratica mas não de expedientes.

Tendo a consciencia de que estamos em cummunhão de idéas com a parte sã e intelligente da opinião, permanecemos confiadamente n'este campo, d'onde não poderão demover-nos considerações de nenhuma especie.»

Lisboa, 2 de julho de 1886.

Ex.mo sr. conselheiro José Luciano de Castro.—Ex.mo Am.º e Sr.—Respondo por este modo ao convite que V. Ex.ª me fez hontem em nome do gove no, ratificando a carta que provocou a minha vinda a Lisboa.

Convidou-me V. Ex.ª a acceitar a gerencia do novo ministerio da Agricultura, Commercio e Industria, que o gabinete pensa crear opportunamente, e, como resolvi declinar a honra d'esse cargo, não posso deixar de fundamentar esta decisão com algumas reflexões que exigem a muita estima e consideração que V. Ex.ª me merece.

Quando em fevereiro transacto, eu tive a honra de ser convidado por V. Ex.ª para a pasta das Obras Publicas, por occasião de se organisar o actual gabinete, expuz-lhe os motivos que fundamentaram a minha recusa.

Foi então que, a instancias suas e de particulares amigos meus dentro e fóra do ministerio n'esse momento constituido, eu annui, não sem relutancia, ao plano de vir eventualmente a occupar um logar nos conselhos da corôa, quando a opportunidade aconselhasse a creação do novo ministerio inspirada em uma parte importante do seu programma de governo.

Acceitei os encargos d'esta posiçã
to porto equivoca e soffri-lhe as cor
por attenção aos interesses parti
elles tambem que hoje recuso
lizmente vem pôr um termo
para mim em fevereiro.

Exposta a razão da mi
V. Ex.ª que mais uma ve
vos que me levaram a ser
progressista.

Pensava que a esse pa
deiro das tradições honrad
democracia portugueza, cou
to o papel de continuador d
nho da Silveira e de Passos
do os interesses dos pobres
contra a oligarchia dos poder
era chegado o momento de
economia defecada do paiz, lem
problemas vitaes da nossa emig
nisação dos terrenos incultos, d
sos lavradores, grandes e pequ
ros do norte, seareiros do centr
penuria da nossa industria, do
aguas dos nossos rios, da ruí
nossa marinha mercante, do re
chico da nossa circulação moneta
cia total de instituições de credi
industrial, da insufficiencia prova
legislação rural e commercial. Pen
era tempo de substituir á politica ro
consiste em fazer, desmanchar e refa
ganisação das secretarias e outros serv
blicos, uma politica verdadeiramente re
dora das forças economicas da nação.

Pensava, e penso ainda; nem vejo mot
para suppôr que as declarações terminantes de
v. ex.ª, ao formular o programma do governo,
deixem de ser cumpridas. A's vezes, porém, os
partidos e as nações carecem de atravessar cri-
ses agudas, para se convencerem completamen-
te de idéas que todavia eram de ha muito in-
discutiveis para todos os homens habituados a
observar e meditar.

Em tudo isto que deixo escripto está im-
plicito o pensamento de que esta carta não si-
gnifica outra cousa mais do que o vivo desejo
de que o gabinete se desempenhe cabalmente
dos compromissos contrahidos para com a na-
ção em virtude do seu programma.

Faça-o, e terá em mim o soldado mais fra-
co sim, mas tambem o mais desinteressado.
Creio ter dado abundantes provas d'isto a V.
Ex.ª de quem sou

mt.º am.º e obr.º
J. P. Oliveira Martins.

Sr. Joaquim Pedro de Oliveira Martins.—Ex.mo am.º—Recebi a carta de v. com data de hoje e, confirmando a verdade dos factos alli referidos, limito-me a sentir que a sua resolução e os motivos que a determinaram me privem de ter por companheiro nos trabalhos do governo tão distincto collaborador como sem duvida seria v.

Aproveito o ensejo para lhe reiterar os protestos de alta estima e sincera dedicação com que sou de v.

am.º certo e mt.º obr.º
José Luciano.

Lisboa, 2 de julho de 1886.

Correio do Sul

Lisboa, 12 de Julho de 1886.

(D'outro nosso correspondente)

Fez hontem 55 annos que o almirante *Roussini* levou do Tejo varios navios portuguezes, a pretexto de que o nosso governo não tinha dado plena satisfação á França, por um insulto a dois subditos francezes. Com aquella *fiscalisação* parece que ficavam dadas todas as satisfações. *Pertinent ad me quia leo sum.*

— Diz-se e repete-se que o governo tem promptos e vão apparecer, muito breve, bons trabalhos e reformas de grande alcance e utilidade. Isto, porém, tem-se dito já tantas vezes, sem comtudo virem a lume nem apparecerem, que vae dando logar a dizer-se que o não terem apparecido, nem apparecerão, é porque o sr. Fontes não quer nem dá licença para tal: que s. ex.ª é a corda, a molla real e a manivela da machina da governança, e que, *se não reina*, governa e manda como lhe apraz e quer. O governo sabe d'isto, porque os jornaes da situação bem claro lho teem dito; e sabe que por isso mesmo está perdendo simpathias, adhesões, preponderancia e força; como sabe que a occasião é optima, e que, perdida ella, sabe Deus o que Deus sabe, e está prendendo-se com *teias d'aranha*, que nunca prenderam o sr. Fontes, para fazer ou deixar de fazer o que queria, bom ou máu, nada se importando que d'elle dissessem, que atropellava as leis. O governo deve ter aprendido com as lições do preterito, *quantum satis*: e dos cavalheiros, que hoje se assentam nas cadeiras ministeriaes é de esperar que não deixem de fazer o que fazer devem: aliás dir-se-ia depois, que para fazerem promessas de reformas, e nada reformarem, ou fazerem, e que fizeram, seria melhor não terem ido ao poder. Emfim, lá se avenham como entenderem, quizerem e poderem.

— Foi finalmente collocado 2.º
[illegible] capitão em 29 d'abril de 1851, promovido a major em 8 de fevereiro de 1872, a tenente-coronel em 6 de maio de 1874, a coronel em 20 de março de 1878, e a general de brigada ha tres mezes. A sua phisionomia é um tanto triste, e parece severa: quem o não tractar e o não conheça, persuadir-se-ha de que é intractavel e soberbo; porém, conversando-o, depressa o conhece e se convence do contrario, e até lhe encontra boa chalaça, apartes chistosos e muito a tempo: divertidas e boas lembranças e respostas. Contam-se-lhe muitas, entre as quaes tem decerto o primeiro logar *a que deu* a um sargento (creio que chamado Durão) quando este lhe déra parte de que lhe tinha fugido o cavallo, em que havia de montar. Era uma pena que continuasse desaproveitado como estava. Um futuro de felicidades e brilhante, é que muito será para desejar-lhe.

— Dizem-me que ha já representações de commandantes de corpos condemnando as polainas dos soldados. Pois será uma pena, que hajam de atiral-as aos cestos dos trapos, porque, na verdade, eram ou são de um effeito maravilhoso, e mais que commodas para os nossos soldados, quasi no geral corpulentos e bem tirados das canellas.

— Uma pena será tambem que mexam nos penachos dos engenheiros, por que aquella crista encarnada na cabelleira ou chinó preto é surprehendente, e produz um effeito deslumbrante.

— Até que foram auctorisadas as cooperativas militares, sendo responsaveis os commandantes dos corpos, e governadores das praças, que são os presidentes natos das assembleias geraes. E' bem entendido: era mesmo de absoluta necessidade.

— Affirma-se que vae breve ser abolido o imposto do sal, e posto em vigor o novo codigo administrativo. Sejam. Toda a demora é prejudicial. Os bons creditos do governo pedem-o e quanto antes.

— Teve graça a rapariga!... Hontem ao sair-se da missa da egreja de... disse uma sopeira para a ama, a quem acompanhava:

«O' senhora, não reparou?

«Em quê?...

«Nas mulheres que estavam na missa! A senhora diz-me, que eu tenho uma cara que mette medo; porém, se eu me convencesse de que sou tão feia, como as mulheres que hoje aqui vieram á missa, ia d'aqui já atirar-me ao Tejo. Parece que todas as feias se combinaram para virem a esta missa!

— Recebi uma carta de Castello Branco em que se me diz... Deixemos fallar a carta: «Consta aqui que o Souza está muito satisfeito no seu novo regimento (lanceiros n.º 2); que tem muito bons e dignos officiaes; e que estes o estão egualmente com o seu novo commandante, que é digno de toda a consideração e estima. Em cavallaria n.º 8 tambem as coisas vão regulando muito bem, ha mezes a esta parte. No sabbado foram os officiaes quasi todos, á excepção dos de serviço, a uma pescaria e divertirem-se.» E' bom que os officiaes conheçam os seus deveres, e os pratiquem, para com os commandantes; mas não o é menos, que os commandantes déem aos officiaes o que lhes pertence, não só como officiaes, mas como homens que se présam e estimam. Nem absolutismo e despotismo da parte dos commandantes, nem licença e desenfreamento da parte dos officiaes, hoje se pode admittir. Ordem em primeiro que tudo: e cada um no seu logar. E' necessario que os commandantes se não esqueçam, que foram subalternos; e que estes se lembrem que ámanhã podem ser commandantes: assim tudo correrá como correr deve; e senão, não.

— Entre duas *meninas* mais que quarentonas:

«Não sabes, menina, comprei uma sombrinha—á princeza—vou mostrar-ta.

«E' bonita, quanto te custou, menina?

«Tres mil e quinhentos reis.

«Enganaram-te.

«Enganaram-me!

«De meio a meio: tu não vês que é velha?

«Velha!...

«Sim: é novo o forro: de resto é velha e bem velha e muito uzada.

«Mas disseram-me que era á princeza!

«Seria á princeza quando D. Maria I foi princeza; mas hoje nem á princeza, nem á rainha.

«Ora essa não é má: que sucia! De tudo dizem ser a princeza: vou desfazer o negocio.

«Vae, vae, para que te não chamem tola.

Borges.

Communicados

Banhos de Ledesma 4 de julho de 1886.

Sr. redactor.—O motivo que me leva agora a incommodar a v. não é o proposito de inculcar-me algum Quichote de la Mancha, mas sim o dever imperioso para com os cavalheiros e senhoras que consecutivamente teem n'estes dias estacionado nos banhos. Estando aqui perto de 800 pessoas, difficil se torna apresentar uma completa resenha de todas ellas, limitando-me apenas a fazel-a unica e exclusivamente do sr. administrador D. Ramon Falcó, e do sr. medico director D. Anastacio Garcia Lopes: a este pela sua educação esmeradissima e saber distincto, com venia de sua galante esposa a ex.ma sr.ª D. Victoria Garcia Lopes, pelo trato affavel que a todas as senhoras dispensa com a maior lhaneza e primor, tendo de agradecer-lhe a mais a preferencia por minha filha. A'quelle uma descripção succinta de suas maneiras e trato sincero e leal, a par das melhores comidas e commodidades de que pode fazer servir os alojados no estabelecimento segundo as classes e intenções em despender, de modo que nos colloca em perenne recordação, proporcionando aprasiveis recreios e jardins, além de exercicios musculares e passatempos puerís, podendo affirmar-se que tudo se deve classificar como bom e agradavel.

Não sou competente para fazer uma analyse completa d'estes banhos, mas por que não quero deixar passar desapercebidos seus singulares effeitos mais atinentes a milagres, direi sómente o que tenho visto e observado:

São sulfuricos; a sua mais superlativa essencia tende a extirpar o rheumatismo e suas ramificações, obra de momento em fim. O seu vigor é tal que se eleva a 52 graus, podendo mui facilmente diluirem-se pela forma a mais regular e precisa, tornando-se por isso os primeiros e mais efficazes da Peninsula. Por este motivo, e sem contestação possivel me orgulho em recommendal-os ás pessoas que por ventura careçam de um tão prompto antidoto.

Para esta foi-nos offerecido um baile no grande salão de banhos pelo mesmo sr. administrador; deve estar muito animado, attendendo á abundancia de pares.

De v. etc.

Domingos Manuel de Oliveira.

Bibliographia

—«*Memorias d'um Medico*, por Alexandre Dumas.—Versão.—Edição illustrada com cêrca de 200 gravuras.

Uma das mais bellas e mais vastas producções do eminente romancista Alexandre Dumas, é no unanime consenso dos mais auctorisados criticos, a magnifica série de romances historicos, que tem por titulo commum—*Memorias d'um Medico*. O exito extraordinario, que tão importante publicação obteve apenas viu a luz publica, foi logo demonstrado nas successivas edições que em França se fizeram, e no enthusiasmo com que a obra foi immediatamente vertida para todas as linguas cultas da Europa.

E, essa gloria excepcional, que só obtem as obras eminentes dos grandes artistas, o terem em seu favor a unanimidade da opinião, não foi ephemera, não procedeu do enthusiasmo de momento, nem da communhão das ideias, a que n'esse excellente trabalho se rende culto, na analyse sincera e desapaixonada, e na critica severa mas justa época mais monumental, que registam os fastos do seculo XVIII, e que não tem confronto com periodo algum da antiga ou da moderna historia.

As *Memorias d'um Medico*, cuja acção romantica só serve a ligar o encadeamento dos grandes factos historicos, que assoberbaram o mundo, quando em França rolaram no patibulo as cabeças de um rei e de uma rainha, representantes do direito divino e do direito historico, é trabalho de tanta valia, que ha de sempre merecer logar de honra, tanto na bibliotheca do estudioso, como na estante do amador; porque, se para um ha alli a grande lição dos factos, para o outro ha o bello conjuncto de scenas romanticas, traçadas, em primoroso estylo, e cujo epilogo é o desenlace surprehendente do melodrama e da tragedia.

Por isso a grandiosa producção do genio creador de Alexandre Dumas, como as obras primas do espirito humano, está destinada a perdurar a longa vida dos seculos, tendo sempre actualidade, porque ella tem por ponto de partida a historia, que é inalteravel, e por ponto de chegada a grande reforma social, que abalou o mundo no fim do seculo passado, e caminha desde então a passos de gigante em

---

Rosa.—Só ante-hontem o sube, sr. padre José! E fui eu quem a matei! Eu a quem ella queria, como se quer a Deus! Maldição eterna que pesará sobre a minha consciencia! Remorsos que me despertam o profundissimo somno da vida, que me accordam do meu sonhar tranquillo, como se tivesse no coração uma cadeia de ferro, que me aperte e atrophie! Oh! se soubesse que horriveis momentos os d'esta existencia amargurada! Se soubesse como tenho sombrio o pensamento, como a alma se me envolve, a cada hora, em agonias lentas... Oh! eu sou muito desgraçada, sr. padre José.

Padre José.—Não descreias tão cedo, Rosa, que o Ceu tem sorrisos para os pobres, e consolações para os tristes. Não chores, filha! As lagrimas são um alivio, é certo, mas embaciam o olhar e enfraquecem o animo. Olha: a vida é um dia só. A transição entre a terra e o Ceu, é um momento apenas. O martyrio é, para assim dizer, o cadinho onde se purificam todos os sentimentos, onde se prepera o espirito para passar a regiões mais elevadas. Aquelle, a quem Deus concede as lagrimas, é bem feliz, porque recebe das mãos do Senhor o crisol para a sua purificação. Desesperar, é abrir um tumulo a par do coração, é quasi que procurar a morte, no proprio ambiente em que vivemos. Não chores, minha filha, agora que o Ceu te deixou nos braços uma pobre creancinha, que tu estremeces, eu sei, e que deves educar no berço para que te abençôe depois.

Rosa.—E' a minha unica esperança, o meu unico esteio no mundo, sr. padre José.

Padre José.—Então o Carlos?

Rosa.—O Carlos (*baixando os olhos*) é um excellente coração, um bom amigo, (*tristemente*) mas nunca legitimará, talvez, o nome da minha querida filhinha, da minha desgraçada Celeste.

Padre José.—Porque, Rosa? Desesperas tão cedo?!

Rosa (*interrompendo-o*).—Não desespero, não, sr. padre. Descreio do amor de Carlos... nem eu sei porque! O coração da mulher é uma biblia sagrada, e nunca as suas folhas encerraram lagrimas, que não tivessem cahido dos olhos da desgraçada. Nunca fallaram d'um sorriso, que os seus labios não tivessem desferido. Oh! eu creio no que me diz o coração, sr. padre José. Quasi que posso jurar-lhe...

Padre José (*interrompendo-a*).—Mas nem sempre um sorriso significa uma esperança, ou uma dor muitas lagrimas. Ha momentos em que os olhos choram, e o coração exulta de prazer. Por exemplo: se visses agora teu pae...

Rosa (*idem*).—Oh! não me desperte, padre! Não me falle n'esse nome sagrado, que me accorda no seio os remorsos do que lhe fiz soffrer. Sabe que lhe fugi, que lhe roubei ao coração a unica alegria... Oh! por Deus, meu bom amigo; por Deus não queira matar-me assim!

Padre José.—Perdôa-me, filha, que não foi intenção minha recordar o teu passado. Quiz suavisar as tuas afflições, dar-te, com as minhas palavras, resignação a tantas dores, e fui arrancar ao sanctuario da tua alma, as lagrimas de sangue coalhadas pelo frio de tantas horas de recatadas angustias! Desgraçado, que fui rasgar mais a ferida, que ainda sangrava tanto! Mas perdoa-me, que o Ceu tambem te ha de perdoar a ti, que sentes na consciencia o arrependimento das tuas culpas. Na balança da Divina Justiça, pezam-se os erros a par dos soffrimentos. Nunca ouviste dizer que bemaventurados são os que choram, porque o Ceu lhes enchugará as suas lagrimas? (*Ouve-se o sino da capella*)

Rosa.—Para que toca o sino da capella, sr. padre José?

Padre José.—Para chamar os fieis á oração.

Rosa.—Tambem hoje ha preces?

Padre José.—Hoje e sempre, até que o Deus de Misericordia se amerceie dos nossos rogos. E bem necessario é que o Senhor os attenda, para que as desgraças não augmentem, e o numero dos desgraçados não cresça.

Rosa.—Então continua subindo o Tejo, innundando os campos e as aldeias?

Padre José.—Cumpre-se a vontade da Providencia. Mas isto vae mal. (*Sóbe até o rio, Rosa sóbe tambem*) Correm desastrosos os tempos! As chuvas tem alagado tudo, submergido as nossas terras, affogado as nossas sementeiras. A consoada dos pobresinhos, lá vae, rio abaixo, na impetuosidade da torrente. As ventanias derribam os nossos olivaes. O leito immenso das aguas, vae crescendo, subindo sempre! Os casebres dos pobres lavradores, não resistem ao inimigo audacioso, que as destróe e as sepulta no profundo abysmo das aguas! (*Indicando o F. do theatro*) Olha que triste espectaculo, Rosa! Olha que montão de ruinas! Que quantidade de pão perdido, filha! As economias dos pobres, a fortuna de tantos desgraçados, boiando na corrente, á mercê da tempestade! Oh! Deus de compaixão. (*Começa a passar gente, que, depois de saudar o padre José entra na Capella*).

SCENA II

OS MESMOS E LEONARDO

Leonardo (*pela D. A.*).—Seja com Deus, sr. padre José e companhia.

Padre José.—Adeus Leonardo. As agus tem por lá crescido muito?

Leonardo.—E' o poder do Senhor! Entraram nos baixios do *ti Manel* Gomes, e fizeram muitas avarias ao pobre do homem. Não se imagina. Arrombaram-lhe de noite o curral, e o gado que o pobresinho lá tinha, nunca mais o viu.

Rosa.—Jesus?

Padre José.—Era muito?

Leonardo.—Não, senhor. Duas juntas de bois, e com sua licença, um cavallito.

Padre José (*áparte*).—Ainda chegará para este Infeliz? (*Alto*) Oh! era tudo quanto tinha!

Leonardo.—Elle ainda lá tem em cima, na Ribeira, umas casitas menos más. Mas que? a cheia já por lá anda perto, e o desgraçado não faz senão chorar. E' uma dôr d'alma. Corta a raiz do coração, vel-o assim a definhar-se com tantas consumições. Acredite, sr. padre José: eu hoje nem tive vontade d'almoçar. Não se me tirou da *maginação* o triste do pobresinho, que tarde ou nunca levantará mais cabeça.

Padre José.—Que desgraçado!

Leonardo.—E depois são tantos os meninos, que a gente compadece-se tanto... Eu, se não fosse creado de servir, sim, que v. s.ª bem sabe que eu não sou d'aqui. Sim, que sou d'uma aldeia do Norte, chamada Ermezinde. A sr.ª Rosinha bem sabe que eu vim para aqui, um mez depois d'ella sahir de lá com o sr. Carlos.

Padre José.—Bem sei. Adeante.

Leonardo.—Pois, como eu ia contando, se eu não fosse um creado de servir, e tivesse *possilidades* para isso, levava-lhe dois dos filhos.

Padre José.—O Senhor ha de remediar tantos males pela pela Sua Infinita misericordia.

Rosa.—O tempo corre tão mal!...

Leonardo.—Deus nos accuda que isto vae um anno de desgraças! Hontem, lá para os meus sitios, encalhou um barco grande, vasio. Ninguem soube até agora de quem era, d'onde vinha e o que foi feito da tripulação. O rio vae cheio d'arvores partidas pelo vento, e arrancadas, pela agua, da raiz. Sobreiros, oliveiras, choupos... é um louvar a Deus o que por ahi vae! E quem me diz a mim que a corrente o levasse acima d'algum tronco e os desgraçados fossem atirados á maré!

Padre José.—Isto vae horrivel! Deus se amerceie de nós!

Leonardo.—Vae um anno desgraçado! E se o tempo não muda com a lua que vem, podemos dizer que lá se vae tudo quanto Martha fiou. Mas... Deus *sup'ronia*, como diz lá o ditado. Elle bem sabe que nos tem por cá, e por isso algum remedio ha de dar.

Rosa.—Eu vou para casa, sr. padre José. Tenho a minha Celeste acordada e póde ás vezes succeder-lhe alguma fatalidade.

Padre José.—Vae, Rosa; e olha o que te disse depois.

Rosa.—Não me esquecem nunca as suas palavras bemfeitoras. Adeus, sr. padre José. Adeus, Leonardo. (*Sóbe a escadaria e entra em casa*).

Leonardo.—Adeus, sr.ª Rosinha. Eu vou tambem até á capella, que são horas. (*Entra na capella*)

Padre José.—Vae, e até já. (*Ajoelhando*) Senhor Deus de misericordia e compaixão! Vós, que velaes do Ceu pelos vossos filhos da terra, dignae-vos lançar sobre nós um olhar compassivo e piedoso. (*Ouve-se ao longe o ribombar d'um trovão*) Vae longo o quadro e tenebrosa a sombra! Por toda a parte a desgraça, vogando, fatal, á superficie das aguas, pairando no ar como o anjo do exterminio, ou sentando-se, como a estatua da morte, ás portas dos pobresinhos. (*Durante toda a scena a trovoada vae aproximando-se sensivelmente*) Percorre, como o pensamento, um hemispherio e outro, um mar e outro mar, e tudo assola, tudo arruina, tudo consome n'um instante! Tudo devora, o monstro irado! O campo, as flores, o pão... tudo, tudo, Senhor! E emquanto o trovão estala, e o raio estende pelo Ceu a sua flamula côr de fogo, a mãe aperta contra o seio o filho quasi nú, faminto, esfomeado, moribundo, que revolve nas orbitas amarelladas a pupilla estremecida, e, exhausta de forças, fria como um cadaver, semi-morta, deixa-se cahir aos pés da Cruz, despegando dos labios arrocheados, a ultima prece da sua alma! (*Ouve-se novo trovão, muito mais proximo*) Não tenho já com que valer aos meus pobres filhos, Senhor! O pouco que me restava das minhas economias... já lá vae. Não tenho que empenhar, nem que vender para accudir-lhes. (*A trovoada torna-se imunente*) Senhor! Senhor!

SCENA III

OS MESMOS E LEONARDO

Leonardo (*sahindo da capella*).—Jesus! S. Jeronymo! Santa Barbara, Virgem! E aquelle santo alj

todos os povos civilisados, cuja aspiração é obra da humanidade.

E' tambem para satisfazer a este grande ideal que as *Memorias d'um Medico*, hoje, como hontem, despertam o maior interesse em todas as camadas sociaes, principalmente onde ha mocidade, avida a saber, onde ha corações que amam o justo, e almas que adoram o bello.

A verdade de quanto deixamos dito prova-se e demonstra-se tambem no facto de se acharem esgotadas as traducções que d'este monumento de litteratura franceza se fizeram na nossa formosa lingua, e nas reiteradas instancias que este acreditado estabelecimento, tanto em Portugal como no Brazil, tem tido para emprehender uma nova edição, que satisfaça as exigencias d'este duplo e já vasto mercado.

A *Empreza Litteraria Fluminense* presta portanto um bom serviço ao publico, offerecendo uma edição nas vantajosas condições em que a sua casa, fundada ha dez annos no imperio, tem emprehendido e realisado a execução de trabalhos de grande folego, e largo dispendio de capitaes.

A edição completa será ornada com cêrca de 200 gravuras, representando os factos mais notaveis ou os personagens mais importantes, que entram na acção romantica e dramatica, e que todos se prendem aos acontecimentos memoraveis d'esse periodo febril e tragico que se chama a *Revolução Franceza*.

Encetam a publicação pelo notavel romance, que tem o nome do seu celebre protogonista, *José Balsamo*. Seguir-se-hão *O Collar da Rainha*, *Angelo Pitou*, e *A Condessa de Charny*.

Cada obra poderá ser adquirida em separado; porque embora esses romances se liguem como os elos de uma cadeia, tem cada um a sua vida propria, e a sua acção independente.

A edição será nitida, em bom papel e typo novo e a traducção vernacula.»

—«*Anno Christão*. Esta obra está sendo cada vez mais apreciada e recommendada, pois conta agora treze provisões dos mais illustrados e muito dignos prelados portuguezes!

Com o mais subido reconhecimento nos confessamos agradecido ao ex.mo rev. sr. D. Sebastião Valente, Arcebispo Metropolitano de Gôa e Primaz do Oriente, a provisão que acabamos de receber e que é do theor seguinte:

D. Antonio Sebastião Valente, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo Metropolitano de Goa e Primaz do Oriente, Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima etc. etc.—A todos os que a presente virem, saude e paz em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador—Tendos Nós examinado duas cadernetas da versão portugueza da obra intitulada *Anno Christão* escripta em francez pelo Reverendo Padre Croiset, cujo assumpto são as vidas dos Santos e os Sagrados Mysterios da Fé, offerecidos aos fieis em leitura quotidiana:—Resolvemos tambem Nós approval-a, como por esta a approvamos deferindo a supplica que Nos foi dirigida, e recommendal-a com empenho aos Nossos caros diocesanos, aos quaes concedemos vinte dias de indulgencia por cada vez que lerem ou ouvirem ler da mesma a parte correspondente a um dia. —Dada em Nosso Paço Archiepiscopal em Pangim aos quatorze de maio de mil oito centos oitenta e seis.

(Logar do sello das armas Pontificias).

Antonio—Arcebispo Primaz.

Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 10

Decreto declarando de utilidade publica e urgente a expropriação de quatro predios para alargamento da rua da Ferraria, na cidade do Porto.

Decreto declarando de utilidade publica e urgente a expropriação de uma casa e quintal (residencia parochial) para se abrir a rua da Oliveira, na villa de Oliveira de Azemeis.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Varios despachos de empregados para as alfandegas.

Diario de 12

Concessão de differentes mercês honorificas.

Annuncio de estar aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, para o provimento das parochias de Ferreira das Aves, no concelho de Vizeu; Gallegos, no de Barcellos; Melgaço, no de Monsão, Penso, no de Braga; Serrazes, no de S. Pedro do Sul; Souzellas; no de Coimbra; Tallões, no de Villa Pouca de Aguiar; Valle Bemfeito, no de Macedo de Cavalleiros, e Villela, no da Povoa de Lanhoso.

Varios despachos judiciaes já conhecidos.

Aviso de que as provas praticas para os oppositores aos logares de recebedor nas comarcas de Penella e Mirandella, deverão realisar-se no dia 27 do corrente.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Portaria concedendo á camara municipal de Estarreja um subsidio de reis 1:040$000, para a construcção da estrada de Pardilhó.

Diario de 13

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Mappa das patentes de invenção concedidas durante o mez de junho ultimo.

Traducção da carta do negociante belga, sr. Martens, de Louoain, offerecendo-se para facilitar as relações commerciaes dos vinicultores portuguezes com os principaes commerciantes do seu paiz.

Carta de Lisboa

Lisboa, 13 de julho de 1886.

O assumpto de todas as conversações aqui é o fiasco enorme em que deu o decantado *meeting* do Porto contra a dictadura. A avaliar por alli póde-se desde já ver o que serão todos os annunciados protestos da opposição a proposito das medidas que o governo vae decretar—uma simples farça e nada mais.

— Já foi enviado á procuradoria geral da corôa o processo de aposentação do sr. Margiochi, director geral das Obras Publicas. Diz-se quem o vem substituir, mas não é ainda noticia official.

— Foi auctorisada a emissão de valles do correio nas estações postaes de Soure, Taboa, Cantanhede, Miranda do Corvo e Penalva.

— Diz-se que a orchestra que tocará no baile que os srs. duques de Palmella tencionam dar na sua casa de Cintra, na noite de 4 de agosto, para festejar os annos da sr.ª duqueza, será dirigida pelo maestro Strauss, que para esse fim vem expressamente a Portugal.

— No quadro dos officiaes da armada foram promovidos a capitães de mar e guerra os capitães de fragata, srs. Carlos Augusto de Sousa Folque Possolo, addido ao quadro, e José Allemão de Mendonça Cisneiros de Faria; a capitães de fragata, srs. Cesar de Campos Rodrigues, addido ao quadro, e Carlos Maria da Silva Costa.

— Foram agraciados: com o titulo de visconde da Gandara, o sr. Antonio Correia de Magalhães Ribeiro, residente no Porto; com a commenda de Christo, o sr. Domingos Correia Caldeira Castello Branco, proprietario em Portalegre; Joaquim Tiberio da Rocha Pereira, brazileiro; Léon Drouin, inspector geral da linha ferrea da Beira Alta; com a commenda da Conceição, o sr. Joaquim Monteiro de Pina, industrial de Ceia; com habito de Christo, os srs. Pierre Darteyre e Julio Rennes, chefes da linha ferrea da Beira Alta; com o habito da Conceição, o sr. Antonio Marcellino de Pina Carvalho; com o habito de S. Thiago, o sr. Feliciano Bordallo Pinheiro; com a medalha de prata, o sr. dr. Manuel Romão, residente em Ovar. Foram acceites as renuncias das commendas de Christo ao capitão de mar e guerra, sr. Teixeira de Pinho; aos capitães de fragata, srs. Ferreira Marques e José Allemão Cisneiros; e o habito da mesma ordem ao 1.º tenente, sr. Ernesto Alves Rio.

— Foi convocada extraordinariamente a camara municipal de Lisboa para o dia 10 do corrente, afim de crear uma receita para satisfação de despezas auctorisadas.

— Já tomou posse da sua repartição, na administração das alfandegas o sr. Eduardo Vidal.

— Chegou de Inhambane o coronel sr. Schawalbach. Veio tambem o juiz da mesma comarca, sr. Silva Barreto.

— Foi cantado um *Te-Deum* pelo ... gresso do patriarcha.

— Parece que el-rei parte no di... do corrente, para o estrangeiro.

— Chegaram hontem no vapor *P... boke Castle*, vindos de Quilimane, o... rojados exploradores, tenente-coronel Se... pa Pinto, e tenente de marinha Augus... Cardoso. Como não eram esperados n'est... vapor, ninguem foi a bordo.

— Hontem foi preso, no desembar... que, por trazer na mala cento e tanto... charutos, Jacintho Martins, natural de Oliveira de Azemeis, vindo do Brazil. Declarou ignorar a lei a tal respeito.

— Partiu hontem para Quilimane o novo governador, sr. Guerreiro d'Amorim.

— Morreu em Bolama o tenente s... João Ernesto Oscar.

Y.

Telegraphia

Londres, 9.—Estão eleitos dep... dos: 263 conservadores, 44 unionis... 233 gladstoneanos e 65 parnellistas.

Paris, 9.—Hoje, na camara dos deputados, depois de levantada a sess... um individuo, que estava em uma tribuna, disparou um tiro de rewolver e em seguida atirou para a sala uns papeis. Foi logo preso tendo ainda o rewolver carregado com cinco balas. Parece estar doido.

Declarou que tinha apontado a arma acima da cabeça do presidente da camara; que era um desgraçado, e que só quizera fazer barulho para attraír a attenção sobre a sua miseria.

Pernambuco, 9.— Partiu hontem d'este porto com destino á Europa o paquete inglez *Araucania*, da Companhia Navegação do Pacifico.

Londres, 9.—Os deputados gladstoneanos que estavam eleitos eram 133 e não 233.

Londres, 10.—Segundo as ultimas noticias, estão eleitos deputados: 264 conservadores, 55 unionistas, 136 gladstoneanos e 73 parnellistas.

Vienna, 10.—Manifestaram-se mais alguns casos do colera em Trieste.

Paris, 10.—O conde de Paris recebendo em Tunbridge-Wells os delegados da imprensa monarchica, recommendou-lhes que preparem o paiz para o restabelecimento da monarchia; pela sua parte que está pronto, mas que é preciso que o paiz tambem o esteja.

Londres, 10.—Estão eleitos deputados: 270 conservadores, 56 unionistas 140 gladstoneanos e 72 parnellistas.

Paris, 10.—Em consequencia das demoras da camara em decidir-se a respeito do projecto das obrigações da Companhia de Panamá, o sr. Fernando de Lesseps pediu ao sr. de Freycinet que retire o projecto. O sr. de Lesseps fará em breve directamente uma emissão de 600 milhões de francos em obrigações com premios. O conselho de administração da Companhia approvou esta resolução do sr. de Lesseps.

Foi nomeado embaixador da Republica franceza em Constantinopla o conde de Montebello.

Todas as potencias continentaes, inclusa a Turquia, responderam por simples avisos de recepção á nota russa concernente ao porto de Batum; esperam que a Inglaterra, principal interessada na questão, desenhe a sua attitude.

Londres, 11.—O marquez de Hartington ficou eleito contra um candidato gladstoneano. Presume-se que a maioria contra o *home rule* será de cerca de 70 votos.

Londres, 11.—Está preparado para hoje, em Londres, um grande *meeting* socialista. A policia tem tomado precauções.

Paris, 11.—Na eleição supplementar para senador, ficou eleito o candidato moderado contra o opportunista.

Os jornaes de Varsovia annunciam que a Allemanha e a Russia reforçam as suas guarnições na fronteira russa-allemã.

Os duques de Aumale e de Chartres recorreram ao conselho de Estado contra o facto de terem sido riscados dos quadros do exercito.

Ao mesmo tempo, o duque de Aumale dirigiu uma carta ao presidente da Republica franceza, lembrando-lhe que ficára calado quando foi posto na disponibilidade, mas que o não podia ficar agora por que a medida actual toca na lei organica do exercito—«Como decano do estado maior general, cumpre-me lembrar-vos que as patentes militares estão superiores ao vosso alcance, e que eu continúo a ser o general Henrique de Orléans, duque de Aumale.

Hoje, em Armentiéres, houve desordens, por causa de uma conferencia feita pelo sr. de Cassagnac, ficando feridos varios individuos, Os reforços para alli enviados de Lille, restabeleceram logo a ordem.

Paris, 12.—O sr. de Cassagnac interpellará ámanhã o governo ácerca das occorrencias de hontem em Armentiéres.

O sr. Brisson foi esta manhã a casa do presidente do conselho, sr. Freycinet, ao qual manifestou o seu espanto de vêr que o governo não expulsara o duque de Aumale, assim que teve conhecimento da carta que este dirigiu ao presidente da republica franceza. O sr. Freycinet respondeu-lhe que o conselho de ministros ha-de reunir ámanhã, para deliberar sobre o caso.

Suppõe-se que varios deputados da esquerda vão tratar da questão na tribuna.

Vienna, 12.—Em Triste houve hontem mais 8 casos e 2 obitos de colera.

Londres, 12.—Estão eleitos deputados 291 conservadores, 65 unionistas, 155 dos gladstoneanos e 74 parnellstas; por conseguinte é certa a derrota do sr. Gladstone.

Paris, 13.—Considera-se como certa a expulsão dos duques de Aumale e de Chartres.

Londres, 13.—A provavel subida do marquez de Salisbury ao poder excita receios de tensão nas relações da Inglaterra com a Russia.

O jornal *Times*, aconselha a Inglaterra a denunciar o tratado de Berlim, afim ...

PERDÃO

DRAMA EM 3 ACTOS

ORIGINAL

DE

F. de Vilhena e José Cunha

Achar-se ha á venda na noute de 17 do corrente no buff te do theatro Aveirense.

Preço...... 300 reis

A ESTAÇÃO

JORAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno............	4$000
Seis mezes.........	2$100
Numero avulso......	200

Assigna-se na livraria de E Chardron—Lugan & Genelìox successores Porto.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES
AVEIRO
ALVES MENDES

PATRIA!—Discurso na inauguração do monumento aos Restauradores de Portugal.................... 300

ANNUNCIOS

Edital

Rufino Cesar de Sousa Monteiro, Vice-Presidente da Camara Municipal do Concelho de Aveiro, em exercicio, no impedimento legal do respectivo Presidente, etc.

170 FAÇO saber que, pelo Meritissimo Juiz de Direito d'esta Comarca, já se acham decididas as reclamações á cerca do recenseamento militar do corrente anno, e que, por esta Camara, já foram mandados affixar os editaes, publicando o resultado d'essas decisões.

E, para constar, mandei passar o presente, para ser publicado pela imprensa.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 8 de julho de 1886. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, Escrivão que o subscrevi.

O Vice-Presidente, servindo de Presidente—*Rufino Cesar de Sousa Monteiro*.

EDITAL

Rufino Cesar de Souza Monteiro, Vice-Presidente da Camara Municipal do concelho de Aveiro, em exercicio, no impedimento legal do respectivo presidente, etc.

169 FAÇO saber que, nos dias abaixo designados, e pelas 10 horas da manhã, se ha de proceder, em hasta publica, ao aforamento dos seguintes bens:

NO DIA 1 DE AGOSTO FUTURO

Aforamento d'um grande bocado de terreno baldio, situado em S. Sebastião, o qual parte do nascente com propriedade dos netos de José Antonio de Rezende; do poente com a estrada de Aveiro a S. Bernardo, e do sul com Manuel Luiz Bernardes, d'esta cidade.

NO DIA 8 DO DITO MEZ DE AGOSTO

Aforamento d'uma faxa de terreno baldio, situado proximo do largo dos Santos Martyres, que corre parallelamente com a estrada, que vae da Arrochella á ponte da Dobadoura, por onde parte pelo poente, confrontando, pelo nascente, com as propriedades de Luiz Regalla, João Moreira dos Santos, João da Costa Freire, Guilherme Taveira e outros.

Aforamento d'uma faxa de terreno baldio, situado proximo da malhada dos Santos Martyres, que parte do norte com a piscina, aforada a João Maria Garcia, e do sul com a estrada publica, o qual terreno corre entre as referidas piscina e estrada.

NO DIA 15 DO MESMO MEZ

Aforamento d'uma faxa de terreno baldio, situada no largo do Rocio, a qual fica fronteira dos armazens de Antonio Pereira Junior e outros, mediando, entre os mesmos armazens e o dito terreno, uma rua, que se achará convenientemente indicada, bem como a mencionada faxa, na occasião do aforamento.

Todos estes aforamentos se acham superiormente auctorisados, e effectuar-se-hão, em hasta publica, no proprio local dos terrenos a aforar.

E para constar se mandou passar o presente, para ser publicado pela imprensa, e outros de egual theor, para serem affixados.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal 9 de julho de de 1886. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, Escrivão da Camara, que o subscrevi.

O Vice-Presidente, servindo de Presidente—*Runfio Cesar de Sousa Monteiro*.

DESPEDIDA

...RNANDO José Teixeira e ... Faro, tenente de cavallaria ...hado para o destacamento ... não tendo tido occasião de ...soalmente de todas as pes... ...lações e amizade, vem por ...-o, protestando a todos o ... mais viva sympathia e ... todos offerecendo os seus ...os na cidade onde se acha.

...rrematação

...Parochia da freguezia de N. ...loria.

...AZ saber que no proximo domingo, 18 do corrente, por 7 ... manhã, se ha de proceder no ...greja de S. Domingos á arrema... diversas peças da antiga tribuna ... objectos que não podem ser uti... na mesma egreja.

...veiro, 14 de junho de 1886.

O Presidente da Junta,
João da Costa Freire.

VENDA DE PALHEIRO

164 QUEM quizer comprar um palheiro, sito na Costa de S. Jacintho, e que foi do fallecido major Ferreira, falle com a viuva D. Maria da Trindade Ferreira, moradora na rua Direita d'esta cidade.

RECLAME

77 DESDE o dia 1.º de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «Union des **Fabricants** pour la répression de la contrefaçon» (*União dos Fabriacntes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que saem da pharmacia do Doutor **Dehaut** de Paris.

VINHO BOM

168 NA adega da egreja em Beijóz, concelho do Carregal, ha para vender cincoenta pipas de vinho muito bom. E na residencia parochial de Dardovaz, concelho de Tondella, ha 25 pipas.

Vende-se todo ou em lotes de 5 pipas.

LOMBRIGAS

131 NÃO ha remedio nem mais efficaz, nem que tenha merecido mais elogios como as pastilhas vegetaes de Moura. Com o uso d'ellas a expulsão das lombrigas é certa, infallivel e rapida. Os muitos communicados que com tanta frequencia, teem apparecido nos jornaes a respeito de seus maravilhosos effeitos, são a prova mais evidente da sua extraordinaria e incontestavel efficacia. Caixas de 100, 200 e 400 reis. No Porto, pharmacia de Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

São falsificadas as pastilhas em cujas caixas não for o nome de Felix & Filho,

AS TOSSES

135 E TODOS os padecimentos das vias respiratorias, desapparecem rapida e completamente com o uso do xarope peitoral Moura. Este medicamento, que póde ser tambem administrado debaixo da fórma de pilulas, é de gosto muito agradavel e de effeito certo e seguro. O seu extraordinario consumo, sempre crescente e os nemerosos attestados do distinctissimos facultativos e de muitas pessoas que teem feito uso d'este precioso medicamento com o melhor resultado curativo, provam á evidencia a sua grande efficacia. Deposito geral no Porto, Felix & Filho. Preço 500 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

E' falsificado o xarope em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

Quasi de graça

154 POR liquidação se vende com 75 p. c. abaixo do preço da fabrica uma enorme quantidade de relogios e de prata Alfinide, proveniente do quebramento das fabricas reunidas de relogios e prata Alfinide.

Por 3$500 reis um bom relogio portatil. Por este preço baratissimo podem receber um finissimo relogio para senhoras ou senhores, «d'or Souble» ou de «Plaquet» repassado, o que não se póde distinguir dos relogios de verdadeiro ouro ou prata. No commercio é o preço d'elles o decuplo. Garantido por 4 annos.

Por 4$000 reis um relogio de «Argentina» ancre, com um optimo machenismo de precisão. Garantido por 5 annos.

Por 4$300 reis mandamos um magnifico relogio portatil «Repertoir de Plaquet» ou de verdadeiro «or double» arregalado com machenismo artificial. *Ultima novidade de Vienna*, chamado «Imperial-Nouveauté». Garantido por 4 annos.

Por 3$800 reis se recebe um excellente, bem arregalado e luminoso relogio de salão posto em quadro de madeira bem dourada e com estupendo quadrante empenhado da i r priv. materia luminosa a qual o faz de noite luminoso como a lua, assim que se podem ler as horas sem acender a luz.

Por 1$000 reis se recebe uma elegante cadeia de relogio de «Plaquet» que se póde transformar n'um instante em porta pena com tinteiro de carradura hermetica. Comodadissimo para todos.

Por 6$000 se recebe um optimo relogio *emontoir* de prata verdadeira o qual represena um valor de *40$000*. Esse relogio pateneado foi distinguido com 3 medalhas d'ouro nas exposições universaes. Garantido por 5 annos.

Por 3$850 reis apenas representante sómente a metade da mão de obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa de prata Alfinide, muito fino e duradouro: 6 formosas facas de meza, 6 garfos, 6 colheres de sopa, 6 bonitas colheres de chá, 1 grande colher de terrina, 1 grande colher de legumes, 3 formosas oveiras, 2 chicaras para sobremeza, 1 formoso pimenteiro e saleiro, 1 formoso coador para chá, 3 magnificos assucareiros, 6 formosos apoios para facas—Total 42 peças. Brancura garantida por 10 annos.

Enviaremos a mercadoria sempre franco de porte, se recebermos adiantadamente o importe por meio de mandado postal, valle de correio, introduzido entre Austria e Pertugal desde d T.mo de Abril 1886. (Acceitaremos tambem franqueios de correio portuguezes.) Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha. Dirigirem-se confiducia ao deposito geral de fabricas reunidas de relogios de prata Alfinide.

M. RUNDBAKIN
II HEDWIGGASSE 4
VIENNA AUSTRIA

10

PILULAS DE BLANCARD

IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — *Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.* — PARIS

1853 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata re... tiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto.

Pharmac^{ie} em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

21

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

1

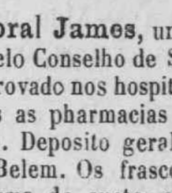
INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa Empregada só ou juntamente com as **Capsulas de Raquin** (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as **gonorrheas mais intensas.** Muito util tambem como *preservativo.*

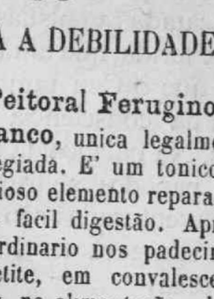
Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES
78, Faubourg Saint-Denis, Pariz,
E em todas as boas pharmacias do estrangeiro.



CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. 1

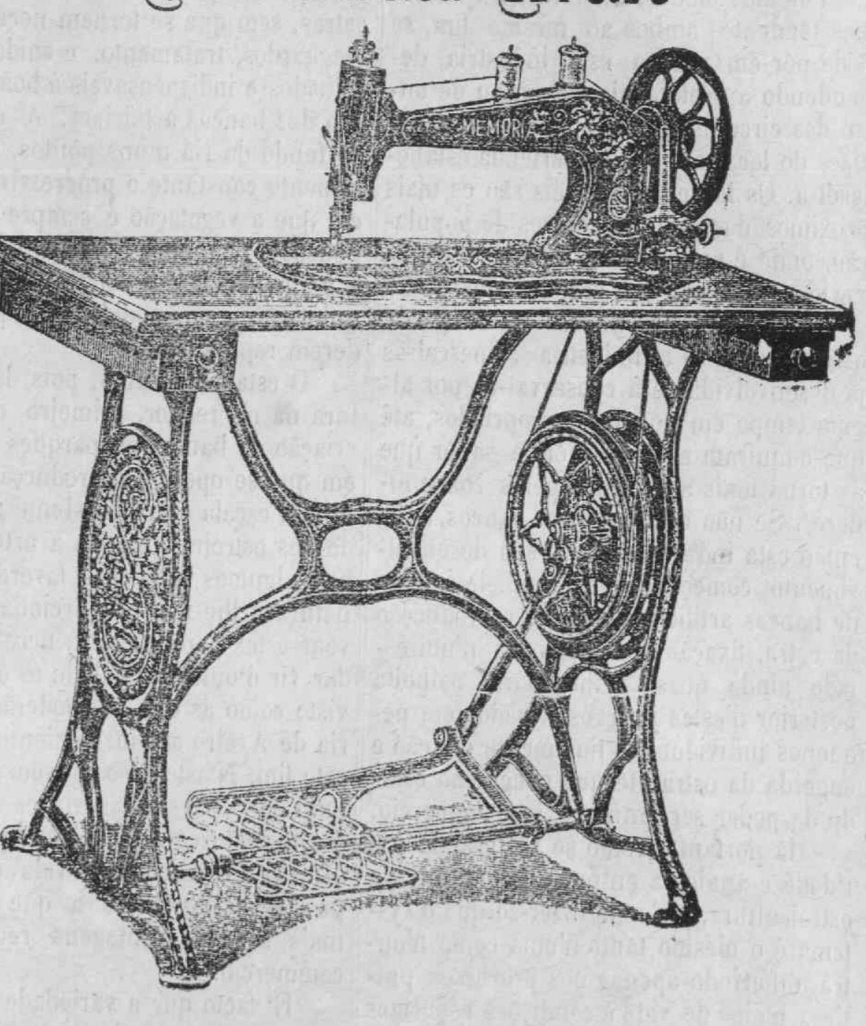


CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Feruginosa da Pharmacia Franco, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte, e um precioso elemento reparador, me to agradavel e de facil digestão. Aproveitap modo mais extraordinario nos padecimentosd peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mu res gravidas, e amas de leite, pessoas idoh creanças, anemicos, e em geral nos debilitad - qualquer que seja a causa da debilidade. Acss se á venda em todas as pharmacias de Porugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phamacia-Franco, em Belem. Pacote 200 reis, e lo correio 220 reis. Os pacotes devem conts o retrato do auctor, e o nome em pequena circulos amarellos, marca que está deposito em conformidade da lei de 4 de julho de 1883

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior. 23

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA
CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES
Rua Direita-Aveiro



Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenír todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENCÃO

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero pederão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes. etc. 52

137

ASTHMA E CATARRHO

Curados com os **CIGARROS ESPIC** Em França 2 fr. a CAIXA

Opressões, Tosses, Constipações, Nevralgias

Em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.-Paris. Venda por grosso, J. ESPIC, Rue St-Lazare, 20. *Exigir esta assignatura sobre cada Cigarro.*

AFINADOR

145 OFFERECE-SE um afinador de pianos, com pratica d'este trabalho, e por preço convidativo.

Quem precisar dos seus serviços dirija-se a Joaquim Antonio Placido.

51

ACABAM OS CALLOS

133 COM a applicação do empelastro preparado por Felix & Filho, desapparecem rapidamente os callos. No Porto, pharmacia de Felix & Filho. Preço 300 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

GOTTA E RHEUMATISMOS

CURA certa pelo **LICOR** e pelas **PILULAS** do **Dr Laville**

Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos *analysados e approvados pelo* **Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr OSSIAN HENRY.**

O **LICOR** *toma-se para curar os accessos.* — As **PILULAS** *tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*

Para premunir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura

Venda por atacado em PARIS: COMAR, Pharmaceutico, rua St-Claude, 28
DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

da Faculdade de Paris.

COMPANHIA FABRIL SINGER

MAQUINAS PARA COSER DE LA COMPAÑIA FABRIL "SINGER" DE NUEVA-YORK — PARA FAMILIAS É INDUSTRIALES

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de LANÇADEIRA OSCILLANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.

Não precisa encher *canhila nem enfiar a lançadeira.*

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SNGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SNCER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais poderão competir com a machina SINGER

SNGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.